



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA –  
MESTRADO**



**RODRIGO BARBOSA NASCIMENTO**

**DO EVOLUCIONISMO DARWINIANO À PSICANÁLISE  
FREUDIANA**

SALVADOR

2024

**RODRIGO BARBOSA NASCIMENTO**

**DO EVOLUCIONISMO DARWINIANO À PSICANÁLISE  
FREUDIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia do Desenvolvimento  
Linha: Contextos de Desenvolvimento, Clínica e Saúde

Orientadora: Profa. Denise Maria Barreto Coutinho

SALVADOR

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

N244 Nascimento, Rodrigo Barbosa  
Do evolucionismo darwiniano à psicanálise freudiana / Rodrigo Barbosa  
Nascimento. –2024.  
72 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Maria Barreto Coutinho  
Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia. Salvador, 2024.

1. Psicanálise. 2. Evolução (Biologia). 3. Darwin, Charles, 1809-1882. 4. Freud, Sigmund, 1856-1939. I. Coutinho, Denise Maria Barreto. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD: 155.7

---

# **TERMO DE APROVAÇÃO**

## **DO EVOLUCIONISMO DARWINIANO À PSICANÁLISE FREUDIANA**

**Rodrigo Barbosa Nascimento**

### **BANCA EXAMINADORA:**

**Profa. Dra. Denise Maria Barreto Coutinho (Orientadora)**

*Universidade Federal da Bahia – UFBA*

**Prof. Dr. Fabricio de Souza**


*Universidade Federal da Bahia – UFBA*

**Prof. Dr. João Gabriel Lima da Silva**

*Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS*

Salvador, 21 de março de 2024.

**Dou fé**



**Profa. Dra. Denise Maria Barreto Coutinho**

“Vejo, no futuro distante, a abertura de campos de pesquisa muito mais importantes. A Psicologia teria uma nova fundação, a saber, a necessária aquisição gradual de cada poder e capacidade mental. Luz será lançada sobre a origem do homem e sua história”. *Charles Darwin*.

## AGRADECIMENTOS

Passaram-se dois anos de um sonho e uma luta que em algum momento talvez nem eu mesmo tenha acreditado ser possível tão cedo na minha vida. Houve momentos nos quais talvez tenham me faltado coragem ou quem sabe força para acreditar em mim mesmo, mas através de pessoas maravilhosas pude acreditar.

Agradeço primeiramente a minha irmã mais velha, Rebeca, por ter sempre acreditado em mim, quando ninguém acreditou. Sei que só cheguei até aqui em mais uma conquista dessa vida por sua causa. Obrigado por sempre me ouvir.

Gabi, minha melhor amiga, atualmente noiva/esposa e tudo que puder ser. Sem você com certeza não conseguiria ter concluído essa etapa, pois você também em todo momento acreditou em mim. Só você sabe o quão foi importante. Obrigado por escutar todas as vezes o que eu pensava, refletia, angustiava, tudo.

Agradeço a minha mãe (Telma), meu pai (Marcos) e minha irmã mais nova (Rafaela) também por estarem sempre comigo, em especial minha irmã mais nova que também me escutava e que tentava entender minhas loucuras, mesmo não sendo tão interessante para alguém da idade dela.

Aproveito e agradeço também a meu melhor amigo Gabriel e uma amiga Laís, por sempre me apoiarem.

Agradeço em especial a Denise Coutinho por ter aceitado me orientar e topado realizar esta pesquisa pela qual tanto tenho afeto e interesse. Se tornou um exemplo como professora e orientadora para mim.

Grupo CONES, o melhor grupo em que já estive, profundamente importante nas trocas de informações, conteúdo, afeto e suporte. Agradeço imensamente por tantas contribuições.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFBA, professoras e professores, colegas, técnicas/os.

À FAPESB por ter acreditado e financiado este trabalho.

Por fim, agradeço a mim mesmo, por nunca ter desistido e estar aqui hoje. Você conseguiu mais uma vez cara!

NASCIMENTO, Rodrigo B. **Do evolucionismo darwiniano à psicanálise freudiana.** Orientadora: Denise Coutinho. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

## RESUMO

O presente estudo visa sistematizar e analisar, através de duas revisões da literatura nacional, evidências científicas que relacionam o evolucionismo darwiniano à práxis psicanalítica, conforme concebida por Sigmund Freud. A dissertação é apresentada em formato de dois artigos independentes e interconectados pelo objeto, a saber, a presença do evolucionismo darwiniano na psicanálise freudiana. Ressalta-se a importância desta discussão na literatura psicanalítica e em suas conexões, visto seu caráter fundante para a compreensão das bases epistemológicas da psicanálise. O trabalho divide-se em dois objetivos, cada um deles remetido respectivamente a cada um dos dois artigos: a) identificar e contextualizar evidências e impacto do evolucionismo darwiniano na obra de Sigmund Freud, na literatura especializada nacional nas últimas duas décadas, por meio de uma revisão sistemática b) investigar, também na literatura nacional, a discussão sobre os conceitos freudianos e sua relação com a teoria da evolução darwiniana. Como resultado do primeiro artigo, indica-se que a relação entre o evolucionismo darwiniano e a psicanálise freudiana perpassa por dois domínios: presença do evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica e na formalização da obra de Freud; 2) presença do evolucionismo darwiniano como um recurso. Como resultado do segundo artigo, destacam-se dois conceitos. O conceito de *Trieb*, objeto de grande atenção na maior parte dos estudos coletados, apresenta-se como senda valiosa para a interlocução conceitual entre a biologia evolutiva e a psicanálise. O segundo conceito, pulsão de morte, também tem destaque, embora mereça mais investimentos de pesquisa. Todas essas perspectivas caminham desde as publicações de Freud em sua relação com Darwin a novas formas de pensar a incidência do solo evolucionista na constituição da psicanálise.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Teoria da evolução; Biologia Evolutiva; Charles Darwin; Sigmund Freud.

## ABSTRACT

The present study aims to systematize and analyze, through two reviews of national literature, scientific evidence that relates Darwinian evolutionism to psychoanalytic praxis, as conceived by Sigmund Freud. The dissertation is presented in the format of two independent articles and interconnected by the object, namely, the presence of Darwinian evolutionism in Freudian psychoanalysis. The importance of this discussion in psychoanalytic literature and its connections is highlighted, given its fundamental nature for understanding the epistemological bases of psychoanalysis. The work is divided into two objectives, each of them referred respectively to the two articles: a) identify and contextualize evidence and impact of Darwinian evolutionism in the work of Sigmund Freud, through a systematic review of the national specialized literature in the last two decades; b) investigate, also in the national literature, the discussion about Freudian concepts and their relationship with the Darwinian theory of evolution. As a result of the first article, it is indicated that the relationship of Darwinian evolutionism with Freudian psychoanalysis permeates two domains: 1) the presence of Darwinian evolutionism and the evolutionary model in academic training and in the formalization of Freud's work; 2) the presence of Darwinian evolutionism as a resource. As a result of the second article, two concepts stand out. The concept of Trieb, object of great attention in most of the studies collected, presents itself as a valuable path for conceptual dialogue between evolutionary biology and psychoanalysis. The second concept, death drive, is also highlighted, although it deserves more research investment. All these perspectives range from Freud's publications in his relationship with Darwin to new ways of thinking about the incidence of evolutionary grounds in the constitution of psychoanalysis.

**Keywords:** Psychoanalysis; Evolution theory; Evolutionary Biology; Charles Darwin; Sigmund Freud.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>07</b>
<b>ARTIGO 1. DARWIN VAI AO DIVÃ: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA EM PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS</b>	<b>15</b>
INTRODUÇÃO	16
DELINEAMENTO METODOLÓGICO	17
RESULTADOS	20
DISCUSSÃO	25
<b>Evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud</b>	<b>25</b>
<b>O evolucionismo darwiniano como um recurso na formalização da obra freudiana</b>	<b>30</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
<b>ARTIGO 2. O EVOLUCIONISMO DARWINIANO EM CONCEITOS FREUDIANOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA NACIONAL</b>	<b>42</b>
INTRODUÇÃO	43
MÉTODO	44
RESULTADOS E DISCUSSÃO	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	65
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>69</b>

## INTRODUÇÃO

Uma investigação sobre a incidência do evolucionismo darwiniano na psicanálise, tal como concebida por Sigmund Freud, consiste em um árduo, embora necessário, esforço para haurir certas temáticas que centralizam e, ao mesmo tempo, contornam a episteme da psicanálise. Ao dar ênfase a esta discussão, devo argumentar e contra-argumentar razões e desejos que justificam a construção deste objeto de estudo. Desta forma, para início de conversa, permito-me justificar em duas instâncias: a do pesquisador e a da pesquisa. Essas duas instâncias se mostram a todo momento entrelaçadas; a experiência pessoal e a vivência como pesquisador, somada a meu foco de investigação, se desdobram na escrita deste texto.

Na produção de ciência, assumir o lugar do pesquisador dentro do texto, a meu ver, é necessário e, ao mesmo tempo, difícil. Me parece que, ao assumir esse lugar, por consequência, assumiríamos um enviesamento. Contudo, ao demarcar nossa presença, denunciemos, na verdade, o mito do pesquisador neutro e da neutralidade científica (JAPIASSU, 1981), uma suposta neutralidade, idealizada (ou ilusória) e, na minha opinião, utópica e, não obstante, necessária como horizonte. Conforme ressalta Marilena Chauí, “[...] essa imagem da neutralidade científica é ilusória. Quando um cientista escolhe certa definição de seu objeto, decide usar um determinado método e espera obter certos resultados, sua atividade não é neutra nem imparcial, mas feita por escolhas precisas” (2005, p. 235).

Dito isso, não caberia falar em neutralidade científica, visto que até mesmo as próprias concepções de objetividade e os métodos de observação são carregados de subjetividade. Rompendo com a característica de “presente por sua ausência” como nos diz Michel Pêcheux (2010, p. 182), escondida na pseudoneutralidade, assumo e reitero, portanto, a minha presença ao longo de todo o texto, mesmo em tentativas ineficazes e fracassadas de tornar-me ausente dele ou de atender ao ideal da neutralidade científica tão afirmada e difundida em minha formação.

Minha base de formação é eminentemente evolucionista. Mas para situar isso melhor, caberia trazer um pouco de minha história. Ao falar que minha formação é evolucionista, penso que ela não se resume apenas a uma questão teórica e epistêmica, mas também a um valor simbólico e afetivo. Abandonei o colégio na oitava série e pouco tinha interesse nas disciplinas escolares. Concluí o ensino fundamental no chamado supletivo, após os

18 anos. Pensei em ingressar na universidade, mesmo não tendo finalizado o período escolar formal. Confesso que aqui pouco fui encorajado, afinal de contas, quem poderia acreditar? No início de minha jornada de estudante, não havia decidido ainda qual curso gostaria de fazer. Transitei entre algumas possibilidades, esbarrando em três principais: Biologia, Psicologia e Medicina. Contudo, sendo sincero, a palavra estudar não me era muito interessante e há momentos em que somos tão desacreditados que deixamos de acreditar também. Desta forma, tinha pouca vontade de estudar para qualquer que fosse a possibilidade. Em outras palavras, eu era simplesmente o famoso caso do “menino que não gosta de estudar”. Acho que essa definição simples exemplifica bem. Diante da cobrança dessa atribuição, me vi com necessidade de estudar a contragosto e correr contra o tempo, visto meu abandono escolar. Apenas uma matéria me cativava, a biologia.

Quando pensamos em biologia, podemos considerar que, sim, é um campo amplo. A biologia contempla inúmeras áreas e discussões em diferentes direções. No entanto, quase sem querer, imerso nesses estudos a contragosto, dois assuntos me chamaram a atenção: a origem da vida e a teoria da evolução das espécies. Sendo sincero, não vou dizer que entendi muita coisa quando estudava, embora esses assuntos sejam, de fato, pouco complexos quando estamos no período escolar. Mas de uma coisa eu tive certeza, eu queria saber mais sobre isso.

Nessa caminhada, percebi que investigar sobre a origem da vida e o papel do biólogo parecia algo um pouco distante. As respostas para isso em uma pesquisa rápida não eram muito atraentes. Mas a investigação sobre a evolução das espécies, bom, essa sim, me parecia muito atraente. Encantado com o que lia ao pesquisar, sem ao menos entender o porquê, me deparei com o livro de Charles Darwin, **A Origem das Espécies**, em uma edição publicada em 2014. Comprei o livro.

Com a chegada do livro, ainda antes de entrar na faculdade, me esforcei por um bom tempo para ler. Sinceramente, pouco entendia. Era uma linguagem que, embora hoje julgue ser acessível, me parecia estar sendo escrita em outra língua. Havia desistido algumas vezes, ou melhor, inúmeras vezes. Até que, um dia, consegui terminar o livro, mesmo sem compreender completamente. E aqui, acontecia um marco importante: eu havia terminado de ler o primeiro livro da minha vida.

O que sucede a esse marco da minha história tem relevância, mas esta não é uma autobiografia. Até esse ponto, é importante para marcar e enfatizar que Charles Darwin e seu livro **A Origem das Espécies** não foi um livro qualquer, foi meu primeiro livro. De

fato, ele poderia ter sido um livro qualquer e não ter mais nenhum significado. Mas, nesse caso, ele representou minha vontade de estudar, meu desejo de saber mais e aprender. Darwin e seu livro, desde esse dia, se tornaram minha inspiração pessoal. O menino que não gostava de estudar, e que havia abandonado o colégio na oitava série, agora tinha vontade de saber. Decidi ingressar no curso de Psicologia, estudei tudo o que podia da área e, ao mesmo tempo, tudo que era possível associar ou identificar à teoria da evolução desde o behaviorismo skinneriano à psicanálise freudiana. Antes mesmo de concluir o curso de graduação, fui selecionado no mestrado em psicologia na UFBA e aqui estou.

Ao ler o texto **Autobiografia** (1925/2011), de Sigmund Freud, pude perceber que Charles Darwin tivera um lugar especial desde o início de sua vida acadêmica. Atraído pela teoria evolucionista, Freud afirma que “ela prometia um extraordinário avanço na compreensão do mundo” (FREUD, 1925/2011, p. 78). Em seguida, continua Freud: “[...] e sei que a apresentação do belo ensaio de Goethe sobre a natureza, numa das populares conferências do Prof. Carl Brühl, pouco antes de eu concluir o curso, fez com que eu decidisse me matricular em medicina” (ibid.).

Conforme nos demonstra Paul-Laurent Assoun (1983), o Goethe que teria convertido Freud à medicina não era um Goethe qualquer e, sim, um “Goethe darwinizado” (1983, p. 230, grifo do autor), forjado pelo naturalismo da época. Desta forma, completa Assoun (1983, p. 231): “[...] Goethe não passa de um estímulo recebendo suas virtudes, no contexto dos anos 1870, de suas inflexões darwinianas. Com efeito, ele fornece ao naturalismo, que encontrou em Darwin seu teórico positivo e seu herói, sua poesia e sua metafísica!”.

É significativo que Freud, direta ou indiretamente, tenha sido seduzido pelo naturalismo de sua época, então em voga naquele período. Lendo, me identifiquei. Compreendi que, para Freud, Darwin tinha um significado próximo ao significado que tinha para mim. Ele era o “Grande Darwin” (FREUD, 1905/2021, p. 203), uma inspiração pessoal, um modo particular de compreensão de mundo e, ao mesmo tempo, a teoria na qual a ciência psicanalítica deveria se respaldar.

Portanto, com este trabalho de mestrado, mergulho também em minha história, permito-me sentir, reconstruir, desvelar desejos, angústias e sonhos que aqui se fazem presentes a cada momento que compreendo a relação entre Freud e Darwin, entre psicanálise e teoria da evolução darwiniana. Em poucas palavras, é por isso que escolho e produzo este objeto de estudo.

O percurso a respeito da relação entre Charles Darwin e sua teoria e Sigmund Freud e a psicanálise foram investigados por autores como Lucille Ritvo (1992) e Frank Sulloway (1992). Ambos tiveram um papel crucial como divulgadores internacionais da presença do evolucionista e seus pressupostos dentro da psicanálise freudiana. Nacionalmente, encontramos autores/as como Marcello Galletti Ferretti (2014), Richard Theisen Simanke (2014), Fernanda Corrêa (2015), dentre outros.

Os dois primeiros, preocupados em haurir a presença do evolucionismo e de Darwin na psicanálise freudiana, publicaram dois importantes livros: **Darwin e Freud: um conto de duas ciências**, de Ritvo (1992), e **Freud – Biologist of the Mind**, de Sulloway (1992). Já os/as autores/as brasileiros/as contribuíram para essa discussão com artigos científicos em periódicos, bem como uma tese (FERRETTI, 2014) e um livro (CORRÊA, 2015). Outros autores também reconheceram essa relação de Darwin com o pai da psicanálise em diferentes direções (DUNKER, 2014; SIMANKE, 2014).

A investigação de Lucille Ritvo (1992) desvela a profunda inserção de Freud na biologia darwinista desde sua formação acadêmica, ressaltando, também, a presença de várias obras de Darwin na biblioteca de Freud. O contexto histórico é sublinhado em função, por exemplo, da divulgação e aceitação do darwinismo na Alemanha, com Ernest Haeckel (RITVO, 1992). É documentado que Freud seguia seus estudos, na faculdade de medicina, com o professor Carl Claus, obstinado evolucionista darwiniano (RITVO, 1972). Já Sulloway nos revela como grande parte dos conteúdos que compõem a práxis psicanalítica, como é o caso da investigação acerca das emoções, sexologia, psicologia infantil e a antropologia, trazem intensa presença de Darwin (SULLOWAY, 1992).

Nas investigações de alguns autores brasileiros preocupados com essa discussão, Ferretti (2013) refere, através de um exame de referências a Darwin nas obras de Freud, a natureza dupla (forma e conteúdo) dessa influência. Na forma, diz o autor: “[...] Freud examina ideias extraídas ora da obra darwiniana, ora extrínsecas a esta; ou seja, ora cita o naturalista, ora se vale apenas do nome ‘Darwin’ a fim de cancelar certas noções que são produtos de interpretações da teoria darwiniana (ibid, p. 111).

No conteúdo, temos o valor simbólico e heurístico das menções de Freud a Darwin em seus textos (FERRETTI, 2013), portanto, como parte de uma revolução antropológica e como metodologia (ASSOUN, 1996) ou um modo de teorização.

Dentre outras contribuições, Simanke (2009) e Mezan (2007) demonstram a influência do evolucionista inglês sobre a construção da psicanálise, enquanto ciência da natureza tal como desejava Freud. Fernanda Corrêa (2015), seguindo autores aqui também citados, indica o percurso da filogênese na metapsicologia freudiana. Contamos também com as contribuições de Christian Dunker (2014), ao enfatizar a profunda influência de Darwin sobre Freud e as correlações do evolucionismo com a psicanálise, destacando que um dos conceitos freudianos que mais conflui com Darwin é a noção materialista de repetição. Encontramos também Simanke (2014; 2014a), em sua exaustiva busca de reinstaurar o caráter epistêmico naturalista da psicanálise, como por exemplo, ao considerar pulsão como instinto, em crítica à epistemologia psicanalítica francesa evidenciada em autores como Jean Laplanche e Jacques Lacan (SIMANKE, 2014; 2014a).

Desta maneira, podemos afirmar como premissa, e não apenas como hipótese, a presença do evolucionismo de Charles Darwin nos escritos de Freud. Tal presença é tão evidente que, para Freud, deveria fazer parte do conjunto de disciplinas necessárias para a formação do analista. Diz Freud: “O conteúdo programático para o analista [...] precisa abarcar o conteúdo das Ciências Humanas, conteúdo psicológico-cultural e sociológico quanto o anatômico biológico e *histórico-evolutivo*” (FREUD, 1926/2019, p. 292-293, grifo nosso).

Portanto, “Freud, por sua vez, talvez tenha sido influenciado por Darwin em um grau muito maior do que aquele que é, em geral, reconhecido” (SIMANKE, 2009, p. 233-234). Para nós, faltaria apenas entender o porquê dessa discussão se encontrar tão pouco explorada na literatura nacional.<sup>1</sup>

Conforme demonstrou Ferretti (2021), os equívocos de Ernest Jones, o clássico biógrafo de Freud, em alguma medida, direcionaram ao apagamento das discussões darwinianas no âmbito da psicanálise<sup>2</sup>. Afirmações como a de Bowlby (1977, p. 63), de que “Freud era sem dúvida um evolucionista. Mas nada indica que fosse um darwinista”, representam parte dos equívocos oriundos da aceção de Freud como lamarckista, na visão de Ernest Jones. Segundo Jones “apesar de todas as evidências científicas que contrariavam as teses

---

<sup>1</sup> Aqui escolhemos apenas uma via para tentar justificar o fato de essa discussão ser tão pouco explorada na literatura. Uma outra via, por exemplo, é a adesão à epistemologia psicanalítica francesa, baseada no estruturalismo.

<sup>2</sup> Cabe aqui salientar que a explicitação desses equívocos não têm o intuito de, mais uma vez, exercer uma crítica, que já está bem realizada na literatura, mas sim, para fazer emergir a justificativa deste estudo.

evolucionistas — como o caso da herança dos caracteres adquiridos — de Lamarck, principalmente “desde o tempo de Darwin” (JONES, 1953, p. 311), “Freud permaneceu, do começo ao fim de sua vida, o que se deve chamar de obstinado adepto desse lamarckismo desacreditado” (JONES, 1953, p. 311).

Passagens como essas, encontradas em uma das maiores biografias de Freud, conforme nos lembra Ritvo (1992), induziram uma recusa à presença explícita e implícita do evolucionismo darwiniano na obra de Freud, recusa orientada em duas perspectivas: a primeira consistindo em considerar tão ultrapassadas as proposições apresentadas por Freud que, portanto, de nada valeria essa discussão para a psicanálise; e a segunda, por considerar de maneira equivocada o lamarckismo em Freud, produzindo o apagamento da presença ou, pior, da importância teórica de Charles Darwin e seu evolucionismo nos textos freudianos.

Deste modo, a fim de ressaltar, mais uma vez, a importância dessa discussão na literatura psicanalítica e em suas conexões, visto seu caráter fundamental para a compreensão epistêmica da psicanálise e sua práxis, como bem demonstrado por Freud e o conjunto de autores e autoras aqui citados/as, o presente estudo visa sistematizar e analisar, por meio de duas revisões da literatura nacional, evidências científicas que relacionem o evolucionismo darwiniano à práxis psicanalítica, conforme concebida por Sigmund Freud, em formato de artigos.

Para atender a este objetivo geral, o trabalho irá se dividir em dois objetivos específicos, um para cada artigo: a) identificar e contextualizar evidências e impacto do evolucionismo darwiniano na obra de Sigmund Freud, na literatura especializada nacional nas últimas duas décadas, por meio de uma revisão sistemática b) investigar, também na literatura nacional, a discussão sobre os conceitos freudianos e sua relação com a teoria da evolução darwiniana também na literatura nacional.

Por fim, nas considerações finais, sintetizo os pontos mais relevantes dos resultados apresentados e discutidos ao longo da dissertação, acrescido de indicações para a discussão e direcionamentos de investigações futuras.

## **REFERÊNCIAS**

- ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à epistemologia freudiana**. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- ASSOUN, Paul-Laurent. Freudisme et darwinisme. In: TORT, P. (Ed.). **Dictionnaire du Darwinisme et de l'evolution**. Paris: PUF, 1996.
- BOWLBY, John. **Psicanálise e teoria da evolução**. 1977. Disponível em: [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1934/1/1977\\_1\\_63.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1934/1/1977_1_63.pdf). Acesso em: 29 out 2022.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**: 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- CORRÊA, Fernanda Silveira. **Filogênese na metapsicologia Freudiana**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.
- DUNKER, Christian. Repetição em Darwin e Freud. In: FINGERMANN, Dominique. **Os paradoxos da repetição**. São Paulo: Annablume, 2014.
- FERRETTI, Marcelo Galletti; LOFFREDO, Ana Maria. A temática darwiniana em Freud: um exame das referências a Darwin na obra freudiana. **Psicologia Clínica** [online], v. 25 n. 2, p. 109-130, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000200007>
- FERRETTI, Marcelo Galletti. **Ontogênese e filogênese em Freud**: uma visão de conjunto. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- FERRETTI, Marcelo Galletti. O “lamarckismo” de Freud e a polarização das interpretações. **Revista de Filosofia Aurora**, [S.L.], v. 33, n. 60, p. 846-860, 8 dez. 2021. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. <http://dx.doi.org/10.7213/1980-5934.33.060.ds06~>
- FREUD, Sigmund. Psicopatologia da Vida Cotidiana. In: FREUD, Sigmund. **Psicopatologia da vida cotidiana — Obras completas, volume 5**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1905/2021.
- FREUD, Sigmund. Autobiografia. In: FREUD, Sigmund. O eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos — **Obras completas, volume 16** (pp. 75-167). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1925/2011.
- FREUD, Sigmund. Posfácio a “A questão da análise leiga”. In: FREUD, Sigmund. **Obras incompletas – Fundamentos da clínica psicanalítica, volume 6**. Tradução Claudia Dombusch. Belo Horizonte: Autêntica, 1926/2019.
- JAPIASSU, Hilton. **O Mito da neutralidade científica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- JONES, Ernest. **The life and Work of Sigmund Freud** (volume 3 – The Last Phase – 1919-1939). First Edition. New York: Basic Books, 1953. Disponível em:



[https://monoskop.org/images/5/54/Jones\\_Ernest\\_The\\_Life\\_and\\_Work\\_of\\_Sigmund\\_Freud\\_3\\_The\\_Last\\_Phase\\_1919-1939\\_1957.pdf](https://monoskop.org/images/5/54/Jones_Ernest_The_Life_and_Work_of_Sigmund_Freud_3_The_Last_Phase_1919-1939_1957.pdf). Acesso em: 29 out 2022.

MEZAN, Renato. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? **Nat. hum.**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 319-359, dez. 2007. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 29 out. 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

RITVO, Lucille. B. Carl Claus as Freud's professor of the new Darwinian biology. **The International Journal of Psychoanalysis**, London, v. 53, n. 2, p. 77-283, 1972.

RITVO, Lucille. B. **A influência de Darwin sobre Freud**: um conto de duas ciências. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SIMANKE, Richard Theisen. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. **Scientiae Studia**, v. 7, n. 2, p. 221-235, 2009.

<https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200004>

SIMANKE, Richard Theisen. O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. **Scientiae Studia**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 73-95, mar. 2014.

<http://dx.doi.org/10.1590/s1678-31662014000100004>

SIMANKE, Richard Theisen. O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. **Scientiae Studia**, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 439-464, set. 2014a.

<https://doi.org/10.1590/S1678-31662014000300003>

SULLOWAY, Frank. **Freud, biologist of the mind – beyond the psychoanalytic legend**. London: Harvard University Press, 1992.

**ARTIGO 1**  
**DARWIN VAI AO DIVÃ:**  
**UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA EM PUBLICAÇÕES**  
**BRASILEIRAS<sup>3</sup>**

DARWIN GOES TO THE COUCH: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW IN  
BRAZILIAN PUBLICATIONS

**Resumo**

Este artigo objetiva identificar, contextualizar e analisar evidências e impacto do evolucionismo darwiniano na obra de Sigmund Freud, na literatura especializada nacional nas últimas duas décadas. Uma revisão sistemática da literatura foi empreendida, em conformidade com as orientações metodológicas PRISMA, valendo-se, para tanto, de palavras-chave selecionadas, posteriormente empregadas na pesquisa conduzida em sete bases de dados distintas. Após seleção, chegou-se a uma amostra final composta por dezesseis artigos de relevância. De acordo com os resultados, evidencia-se: evolucionismo darwiniano como um recurso na escrita da obra freudiana; utilização da história evolutiva ou história filogenética como justificativa das elaborações de Freud; teoria darwiniana como meio para compreensão da origem de sintomas e estados psíquicos; uso da figura representativa de Darwin.

**Palavras-chave:** Darwin, Charles Robert; psicanálise; teoria da Evolução; Freud, Sigmund; revisão Sistemática.

**Abstract**

This article aims to identify, contextualize and analyze evidence and impact of Darwinian evolutionism in the work of Sigmund Freud, in the national specialized literature in the last two decades. A systematic review of the literature was carried out, in accordance with the PRISMA methodological guidelines, using selected keywords, which were later used in the research conducted in seven different databases. After selection, a final sample was made up of sixteen articles of relevance. According to the results, it is evidenced that: Darwinian evolutionism as a resource in the writing of Freud's work; use of evolutionary history or phylogenetic history as justification for Freud's elaborations; Darwinian theory as a means for understanding the origin of symptoms and psychic states; use of the representative figure of Darwin.

**Keywords:** Darwin, Charles Robert; psychoanalysis; theory of Evolution; Freud, Sigmund; systematic review.

---

<sup>3</sup> Artigo aprovado para publicação na *Revista Memorandum: Memória e História em Psicologia* - ISSN 1676-1669. O artigo sairá no primeiro número de 2024. As normas técnicas escolhidas pela revista foram mantidas, alterando apenas a fonte para Times New Roman, para esta dissertação.

## INTRODUÇÃO

Os desdobramentos da biologia evolutiva de Charles Darwin, desde a publicação de *A Origem das Espécies* em 1859, se mostram evidentes nos diversos ramos do conhecimento científico. Darwin demonstrou como as espécies evoluíam através do processo denominado seleção natural.

Assim, na competição pela sobrevivência, os genes presentes nos indivíduos mais aptos às exigências do ambiente perduram. Assim, os genes responsáveis pelos caracteres morfológicos, estruturais e comportamentais adquiridos através das variações ocorridas, sobretudo a partir da perspectiva adaptativa e funcional, são repassados por herança à prole. Para além da seleção natural, Darwin (1871/1974) ainda apresenta um outro processo, a seleção sexual, em que indivíduos com características específicas têm maior probabilidade de ser escolhido por parceiros sexuais para procriação.

Com o impacto científico da obra, houve “uma verdadeira revolução científica de primeira ordem” (Buican, 1990, p. 46). Como afirma o etólogo Konrad Lorenz (2009), as consequências dessa teoria alcançaram dimensões enormes em diferentes direções. Dito isso, podemos conceber que o evolucionismo darwiniano se direcionou desde o campo da biologia à agricultura, impactando todo o campo da saúde e, portanto, também a psicologia e a psicanálise. Ancorando-nos na afirmação de Lorenz, podemos afirmar que há um solo para o entendimento da influência da teoria darwiniana sobre os estudos de Freud. O pensamento evolucionista encontrou eco e desdobramentos no âmbito da psicanálise freudiana, conforme Ferretti e Loffredo (2013), Ritvo (1965, 1972, 1974, 1992) e Sulloway (1992).

Freud teve acesso aos estudos sobre biologia darwinista durante toda a sua formação acadêmica (Gay, 2021), sobretudo com a participação efetiva de Carl Claus, zoólogo alemão e professor da universidade de Viena no período em que Freud era estudante (Ritvo, 1972). Em outra medida, desdobramentos e entrelaçamentos desta teoria compuseram grande parte dos temas que alicerçaram a psicanálise enquanto práxis, acrescentam Ferretti e Loffredo (2013).

Traçar caminhos da confluência entre esses campos se justifica, na medida em que teorizações feitas por Freud relativamente à teoria darwiniana integram, direta ou indiretamente, aquele conjunto de referências de diversos campos aos quais Freud se dedicou para fornecer as bases epistêmicas da psicanálise, estando presente em todo o percurso de sua obra. Aqui visamos delinear pistas da presença da teoria da evolução nos trabalhos de Freud, ou seja, indicar o “modo de pensar sobriamente darwiniano” (Freud,

1920/2010, p. 229), como Freud se referiu àquela obra, ao abordar a reprodução em protozoários.

Este estudo constitui uma revisão sistemática da literatura, visando identificar e contextualizar evidências e impacto do evolucionismo darwiniano na obra de Sigmund Freud, na literatura especializada nacional em formato de artigos científicos publicados em periódicos nas últimas duas décadas (2003-2022).

## DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura desenhada com base nas orientações PRISMA (Moher et al., 2009). A escolha desse tipo de estudo se dá por seu caráter metodológico estruturado, bem como ampliado em pesquisas de literatura sobre o tema (Grady et al., 2014). A revisão prevê, a partir de uma pergunta de pesquisa, a explicitação dos critérios de inclusão e exclusão e categorização dos estudos, uma síntese de estudos com objetivos, métodos e resultados claramente explicitados, de modo a ser reprodutível e rigorosa para identificar artigos, realizar avaliação crítica e sintetizar estudos de fato relevantes (Lopes & Fracolli, 2008).

O primeiro passo foi a construção da pergunta-chave: que tipo de relação entre a obra de Charles Darwin e a de Sigmund Freud tem sido evidenciada por pesquisadores/as brasileiros/as no campo da psicanálise nas duas últimas décadas? Em seguida, foi feito um levantamento no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e no MeSH (Medical Subject Headings), objetivando encontrar os descritores dos estudos, sendo identificados e selecionados os seguintes: “Charles Darwin”, “Sigmund Freud”, “Psicanálise”, “Evolucionismo”, “Darwinismo”, “Filogenia”, “Teoria Freudiana” e “Biologia evolutiva”, e seus respectivos sinônimos. Os descritores não encontrados nas bases foram incluídos por afinidade temática e com base em outros artigos já publicados. O levantamento da amostra para a realização deste estudo foi realizado nas bases de dados<sup>4</sup> PubMed/Medline - Medical Literature Analysis and Retrieval System Online, EBSCOhost - Business Source Complete, Portal Regional da BVS/LILACS - Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde, SciELO - Scientific Electronic Library Online, PePSIC - Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia, Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico durante o mês de abril de 2022, com

---

<sup>4</sup> Embora o presente artigo seja restringido a uma amostra nacional, julgou-se importante uma pesquisa em outras bases de dados não redigidas em português, visto a possibilidade de conter artigos brasileiros.

cruzamentos específicos para cada base em que o idioma dos descritores/palavras-chave variou, conforme a natureza nacional ou internacional de cada base, sendo também utilizados os operadores booleanos [AND], [OR], [NOT], descritos na Tabela 1.

**Tabela 1.** Estratégias de busca para as bases de dados selecionadas.

<b>PubMed/MEDLINE</b>	<p>(“Darwin”[Title/Abstract] AND “Freud”[Title/Abstract])          (“Freudian Theory”[Title/Abstract] AND “Biological Evolution”[Title/Abstract])          (“Darwin”[Title/Abstract] OR (“Darwinism”[Title/Abstract]) AND “Psychoanalysis”[Title/Abstract])          (“Freud”[Title/Abstract] OR “psychoanalysis”[Title/Abstract]) AND “Evolutionism”[Title/Abstract])          (“Freud”[Title/Abstract] OR “psychoanalysis”[Title/Abstract]) AND “Phylogeny”[Title/Abstract])          (“Darwin”[Title/Abstract] OR “Evolutionism”[Title/Abstract]) OR (“Darwinism”[Title/Abstract]) OR “Phylogeny”[Title/Abstract]) AND “Freud”[Title/Abstract]) OR (“Psychoanalysis”[Title/Abstract])</p>
<b>EBSCOHost</b>	<p>“Darwin”AND “Freud”          “Freudian Theory” AND “Biological Evolution”          “Freudian Theory” AND “Phylogeny”          “Darwin” OR “Evolutionism” OR “Darwinism” OR “Phylogeny” AND “Freud” OR “Psychoanalysis”</p>
<b>Portal Regional da BVS / LILACS</b>	<p>(“Darwin”) AND (“Freud”)          (“Freudian Theory”) AND (“Biological Evolution”)          (“Freudian Theory”) AND (“Phylogeny”)          (“Darwin”) OR (“Darwinism”) AND (“Psychoanalysis”)          (“Darwin”) OR (“Evolutionism”) OR (“Darwinism”) OR (“Phylogeny”) AND (“Freud”) OR (“Psychoanalysis”)</p>
<b>SciELO</b>	<p>Darwin [Todos os índices] AND Freud [Todos os índices]          Teoria Freudiana [Todos os índices] AND Biología Evolutiva [Todos os índices]          Teoria Freudiana [Todos os índices] AND Filogenia [Todos os índices]          Darwin [Todos os índices] OR Darwinismo [Todos os índices] OR Evolucionismo [Todos os índices] OR Filogenia [Todos os índices] AND Freud [Todos os índices] OR Psicanálise [Todos os índices].</p>
<b>PepsiC</b>	<p>Darwin [Todos os índices] AND Freud [Todos os índices]          Teoria Freudiana [Todos os índices] AND Biología Evolutiva [Todos os índices]          Teoria Freudiana [Todos os índices] AND Filogenia [Todos os índices]          Darwin [Todos os índices] OR Darwinismo [Todos os índices] OR Evolucionismo [Todos os índices] OR Filogenia [Todos os índices] AND Freud [Todos os índices] OR Psicanálise[Todos os índices].</p>

<b>Portal CAPES</b>	<p>[Qualquer campo] [contém] Darwin AND [Qualquer campo] [contém] Freud (Data de publicação: últimos 20 anos).</p> <p>[Qualquer campo] [contém] Teoria Freudiana AND [Qualquer campo] [contém] Biologia Evolutiva (Data de publicação: últimos 20 anos).</p> <p>[Qualquer campo] [contém] Teoria Freudiana AND [Qualquer campo] [contém] Filogenia (Data de publicação: últimos 20 anos).</p> <p>[Qualquer campo] [contém] Darwin OR [Qualquer campo] [contém] Darwinismo OR [Qualquer campo] [contém] Filogenia OR [Qualquer campo] [contém] Evolucionismo AND [Qualquer campo] [contém] Freud [Qualquer campo] [contém] OR Psicanálise (Data de publicação: últimos 20 anos).</p>
<b>Google acadêmico</b>	<p>Darwin AND Freud</p> <p>Teoria Freudiana AND Biologia Evolutiva</p> <p>Teoria Freudiana AND Filogenia</p> <p>Darwin OR Darwinismo OR Evolucionismo OR Filogenia AND Freud OR Psicanálise</p>

Fonte: os autores (2023).

A escolha se deu por meio dos seguintes critérios: a) ensaios teóricos b) estudos de revisão c) publicados em periódicos nacionais d) redigidos em língua portuguesa f) desenvolvidos em instituições de ensino superior; g) que analisam a relação entre Charles Darwin e Freud; h) analisam a relação entre o evolucionismo darwiniano e a psicanálise freudiana sobre pontos da metapsicologia; i) com informações relacionando Darwin e Freud, mesmo que a proposta do artigo não estivesse direcionada ao tema; j) estudos disponíveis na íntegra; k) publicados nas últimas duas décadas.

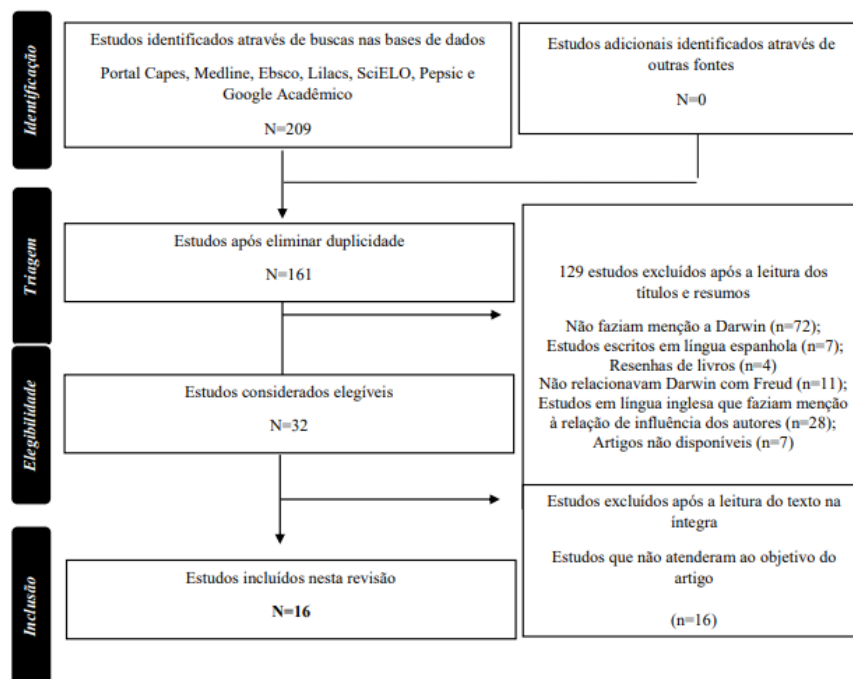
Foram considerados não elegíveis estudos que: embora de revisão, não relataram a metodologia; apresentaram dados insuficientes para análise dos resultados; demonstraram inconsistência e/ou foram inconclusivos, no que se refere a dados que compuseram a amostra e principais resultados; teses e dissertações.

Na busca (identificação), primeiramente foram localizados 209 artigos no total, dos quais 48 foram eliminados por repetição. Em seguida, 129 estudos foram excluídos por não fazer menção a Darwin (n=72); escritos em língua espanhola (n=7); resenhas de livro (n=4); não relacionavam Darwin com Freud (n=11); em língua inglesa com menção à relação de influência dos autores (n=28); artigos não disponíveis (n=7). Por fim, foi realizada a leitura integral dos artigos restantes (n=32), sendo excluídos mais dezesseis por não atenderem ao objetivo do artigo. Foram considerados elegíveis 16 artigos.

Uma nova avaliação foi realizada, quanto aos critérios de seleção e recuperação dos dados referentes a: a) autor; b) ano de publicação; c) instituição de ensino (localização

geográfica); d) periódico; e) categoria foco do estudo; f) objetivo/resumo; g) principais resultados. Relativamente ao foco de estudo foram destacadas duas categorias de análise retiradas das leituras dos materiais: 1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) evolucionismo darwiniano como recurso na formalização da obra freudiana.

**Figura 1.** Fluxograma PRISMA de triagem e estratégia de busca dos artigos.



## RESULTADOS

Esta revisão foi realizada com 16 publicações. Num primeiro momento, foi possível demarcar o quantitativo de artigos publicados nas duas últimas décadas (2003-2022). Na primeira década, sete artigos, e nove na segunda, com um número levemente maior de produções entre os anos de 2013-14 e 2020-21. Sobre a distribuição nas bases, encontramos proximidade em quantidade no SciELO (n=6) e Pepsic (n=5), sendo os demais distribuídos entre Google acadêmico (n=4) e Lilacs (n=1). Os artigos se concentram em quatro estados, três deles no Sudeste e apenas um na região Norte: São Paulo (n=7), Minas Gerais (n=4), Rio de Janeiro (n=2) e Pará (n=3), sendo que foi considerada apenas a localização do/a primeiro/a autor/a. Apenas três são mulheres; dois autores cada um detêm três das 16 produções, indicando um foco de interesse.

Todos os artigos foram agrupados nas duas categorias extraídas das leituras dos materiais, podendo comparecer em mais de uma: 1) evolucionismo darwiniano e modelo

evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) evolucionismo darwiniano como recurso na formalização da obra freudiana.

A primeira categoria aponta o impacto que o evolucionista inglês teve sobre a formação acadêmica e pessoal de Freud, como fonte de inspiração até como profunda inserção na biologia evolutiva, bem como uma forma sistemática de escrita em que se apresenta a presença do evolucionismo de Darwin e seu modo de teorizar na obra freudiana, enfatizando-se as questões consideradas filogenéticas. Já a segunda categoria, o evolucionismo darwiniano como um recurso na formalização da obra, faz jus aos textos que discutem como Freud utilizou a história evolutiva ou história filogenética como justificativa de suas elaborações ou como meio para compreensão da origem dos sintomas e estados psicológicos. Na primeira categoria, os estudos registram com maior relevância: a influência de Darwin e seu evolucionismo antes e depois da formação acadêmica de Freud; a presença de obras de Darwin na biblioteca de Freud; a imponente presença de referências e citações ao longo da obra freudiana; um modo de teorização e argumentação em Freud deveras semelhante ao de Darwin. Já na segunda categoria, o uso figurativo, simbólico e teórico de Darwin nos textos freudianos como recurso, isto é, estratégia de teorização, argumentação e embasamento teóricos.

**Quadro 1.** *Categorização dos artigos selecionados.*

N.	Autor	Título	Plataforma/ Biblioteca digital / Periódico / Instituição	Ano	Foco do estudo / Categoria
1	ARMILIATO, Vinicius	O passado bate à porta as marcas do evolucionismo em visão de conjunto das neuroses de transferência	Google Acadêmico; Sofia; PUC-PR	2021	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
2	ARMILIATO, Vinicius. & BOCCA, Francisco. V.	Um "além" que vem do passado: o evolucionismo e o caráter regressivo e patológico das pulsões.	Google Acadêmico; Voluntas; PUC-PR	2020	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
3	BARBOSA, Maria. N.P. & SANTOS, Manoel. A.	Considerações sobre a Dimensão Biológica do Conceito de Pulsão em Freud.	SciELO; Psicologia, reflexão e critrica;	2005	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na



			USP		formação acadêmica de Freud; 2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
4	CECCARELLI, Paulo Roberto	Freud traído	PepsiC; Reverso; Círculo Psicanalítico de Minas Gerais	2007	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud;
5	FERRETTI, Marcelo. G.	Da ontogênese à filogênese uma velha diretriz metodológica de Freud em Além do princípio do prazer	Google Acadêmico Voluntas Fundação Getúlio Vargas (FGV)	2020	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
6	FERRETTI, Marcelo. G.	O “lamarckismo” de Freud e a polarização das interpretações	Google Acadêmico; Revista de Filosofia Aurora; Fundação Getúlio Vargas (FGV)	2021	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud;
7	FERRETTI, Marcelo. G.; LOFFREDO, A. M.	A temática darwiniana em Freud: um exame das referências a Darwin na obra freudiana	SciELO Psicologia Clínica Universidade Estadual de Campinas	2013	1) evolucionismo 1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
8	LOPES, Anchyses. J.	O primata perverso polimorfo	PepsiC Estudos de Psicanálise Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).	2013	2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
9	MEZAN, Renato	Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?	PepsiC Natureza Humana PUC-SP	2007	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud.
10	SETUBAL, João Carlos	Desconcertos na ciência	PepsiC Revista Brasileira de Psicanálise USP	2016	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
11	SIMANKE, Richard Theisen	A psicanálise Freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas	SciELO Scientiae Studia Universidade Federal de Juiz de Fora	2009	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud;

					2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
12	SIMANKE, Richard. T.	O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução.	SciELO Scientiae Studia Universidade Federal de Juiz de Fora	2014	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
13	SIMANKE, Richard. T.	O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade	SciELO Scientiae Studia Universidade Federal de Juiz de Fora	2014	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
14	SOUZA, Mauricio. R.	Teoria evolucionista e psicanálise: ressonâncias?	Lilacs Pulsional revista de psicanálise Universidade Federal do Pará	2003	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
15	VIANA, Milena Barros	Freud e Darwin: ansiedade como sinal, uma resposta adaptativa ao perigo	PepsiC Natureza Humana UNIFESP	2010	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.
16	WINOGRAD, Monah	Freud e a filogenia anímica	SciELO Revista do Departamento de Psicologia. UFF PUC-RIO	2007	1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) O evolucionismo darwiniano como um recurso.

Fonte: os autores (2023)

Outro aspecto analisado é em relação aos textos de Freud que os artigos brasileiros têm citado, quando buscam apresentar ou problematizar a relação entre o evolucionismo darwiniano e a psicanálise. Nas 16 publicações, há 90 referências freudianas recorrentes, visto que foram incluídas apenas referências citadas em mais de uma publicação da amostra. As duas referências com maior número de aparições atingiram 43,75% de frequência, seguido de outras três com 37,5%. Tal constatação evidencia diversidade de referências, não obstante algumas se mostrem, de fato, mais frequentemente utilizadas.

As referências mais utilizadas apresentam concordância com o que foi explorado pelos artigos que compuseram a amostra, quando o assunto trata da relação entre a filogênese darwiniana e psicanálise freudiana. São textos que registram a formação acadêmica de Freud e seu posicionamento epistêmico, alguns deles centrais na construção de seu raciocínio metapsicológico, assim como textos que investigam a perspectiva ontogenética e filogenética em entrelaçamento.

**Tabela 2.** *Textos de Sigmund Freud na amostra de artigos científicos nacionais*

Textos	nº	Percentual de frequência dos textos
Estudos sobre a histeria (1895)	3	18,75%
A interpretação dos sonhos (1900)	3	18,75%
Psicopatologia da vida cotidiana (1901)	2	12,5%
Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)	5	31,25%
Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905)	2	12,5%
Totem e Tabu (1912-1913)	7	43,75%
A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose (1913)	2	12,5%
Múltiplos interesses da psicanálise (1913)	3	18,75%
As pulsões e seus destinos (1915)	3	18,75%
Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte (1915)	2	12,5%
Conferências introdutórias à psicanálise (1917)	3	18,75%
Uma dificuldade da psicanálise (1917)	3	18,75%
Além do princípio do prazer (1920)	6	37,5%
Psicologia das massas e a Análise do Eu (1921)	6	37,5%
O Eu e o Id (1923)	5	31,25%
Um estudo autobiográfico (1925)	6	37,5%
Inibição, Sintoma e Angústia (1926)	5	31,25%
O Mal-estar na cultura (1930)	7	43,75%
Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933)	4	25%
Moisés e o monoteísmo (1939)	6	37,5%
Projeto de uma psicologia científica (1950/1895)	4	25%
Neuroses de Transferência: uma síntese (1987)	3	18,75%

Passemos agora para a discussão desses resultados.

## DISCUSSÃO

Como já mencionado acima, discutiremos os resultados com base em duas categorias de análise, já descritas acima: 1) evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud; 2) evolucionismo darwiniano como recurso na formalização da obra freudiana.

### **Evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud**

A presença do evolucionismo darwiniano na formação acadêmica de Freud foi apresentada por poucos autores na literatura nacional (Ferretti & Loffredo, 2013; Ferretti, 2021). Indicam-se momentos marcantes da formação de Freud, a saber, aquele que antecede sua escolha pelo curso de medicina, seguido do período em que ele inicia os estudos universitários. A iniciativa de pontuar tal presença na formação acadêmica de Freud encontra solidez insofismável desde o conjunto de obras de Darwin na sua biblioteca, nomeadas no conjunto de referências em toda a obra, revelando profunda inserção de Freud no estudo da biologia evolutiva. Contudo, esse percurso realizado por Freud inicia-se no período que antecedeu sua entrada na faculdade de medicina de Viena.

Conforme Ferretti e Loffredo (2013), a inserção de Freud na biologia evolutiva começa com um caráter de sedução. Freud se encantou com as proposições formuladas por Darwin, especialmente por ampliarem sua compreensão de mundo, o que o impulsionou a cursar medicina. Esse período coincidiu com a popularização das ideias de Darwin e do filósofo alemão Ernest Haeckel<sup>5</sup>, responsável por levar a discussão evolucionista para a Alemanha na segunda metade do século XIX (Ferretti, 2021). Haeckel foi defensor ferrenho das ideias darwinistas na Alemanha, principalmente pela repulsa a essas ideias por parte da comunidade científica da época e devido ao desastre das primeiras traduções da *Origem das Espécies* que só alcançaram o público com o sucesso das traduções da quarta edição e com a tradução de *The Variation of Animals and Plants*

---

<sup>5</sup> Ernest Heinrich Haeckel (1834-1919) foi um biólogo e filósofo alemão, também professor de zoologia. O mesmo, também foi o primeiro defensor alemão da evolução orgânica e um dos primeiros defensores de Darwin; Enunciou a lei biogenética, segundo a qual no desenvolvimento do animal individual os estágios da história da evolução da espécie pressuposta se repetem. Em outras palavras, a dita Lei de Haeckel sugere que um organismo, ao se desenvolver a partir de um ovo, passa pelas mesmas mudanças que a espécie ao se desenvolver das formas inferiores da vida animal para as superiores (RITVO, 1992, P. 275).

*under Domestication* (1869) realizadas pelo zoólogo Victor Carus<sup>6</sup>. Desta forma, Haeckel seria um dos primeiros a possibilitar a aproximação de Freud com as teorias evolucionistas, com seu estilo extravagante, fato este que atraiu Freud para a ciência (Ferretti, 2021).

Aos 17 anos, Freud entra na faculdade de medicina e conhece dois professores, ambos importantes para sua aproximação das teses evolucionistas de Charles Darwin: Carl Claus e Theodor Meynert, responsáveis por colocar Darwin para além do “plano da atração e do interesse” (Ferretti & Loffredo, 2013, p. 123), portanto, também na prática em laboratório. Carl Claus, ao assumir o posto de professor em Viena, onde ensinaria a Freud, após a recusa de Haeckel, era um dos adeptos da teoria darwiniana, tendo proporcionado a Freud um contato com esse pensamento (Ferreti, 2021). Ele realizou um curso chamado “Biologia e Darwinismo”, frequentado por Freud, e contribuiu com a iniciação de Freud em pesquisas científicas no laboratório. Um exemplo é relativo ao estudo de enguias, principalmente a investigação de gônadas e da base anatômica do comportamento reprodutivo. Já Meynert não apenas contribuiu com a aproximação de Freud ao evolucionismo, mas também com *As Expressões das Emoções nos Homens e nos Animais*, que Darwin publicou em 1872, e que auxiliou Meynert a aplicar suas hipóteses sobre a histeria em *Psychiatrie* (1884).

Agora, nos direcionando ao modelo evolucionista darwiniano. Entendemos que o modelo evolucionista darwiniano vai além do recurso teórico, heurístico ou simbólico. Aqui, enfatizamos um modo de conceber, produzido a partir dos mesmos caminhos, utilizando as mesmas estratégias argumentativas, portanto, um modo particular de teorizar ou formalizar a teoria. Alguns textos categorizados nessa seção, embora não necessariamente mencionados, contribuem enquanto evidência do modelo evolucionista darwiniano nos escritos freudianos.

Esse modelo foi foco de investigação de alguns autores brasileiros (Armiliato, 2021; Armiliato & Bocca, 2020; Barbosa & Santos, 2005; Ceccareli, 2007; Ferretti, 2020, 2021; Ferretti & Loffredo, 2013; Mezan, 2007; Setubal, 2016; Simanke, 2009, 2014, 2014a; Viana, 2010; Winograd, 2007; Souza, 2003.). O modelo diz respeito a duas questões fundamentais: a demarcação epistêmica da psicanálise freudiana e um modo específico de teorização em seu conjunto de estratégias argumentativas.

---

<sup>6</sup> Julius Victor Carus (1823-1903), foi um zoólogo alemão, professor na universidade de Leipzig a partir do ano de 1883. O mesmo, é e foi reconhecido por ter sido tradutor das obras de Darwin após falecimento de Bronn (RITVO, 1992, p. 268).

Sobre a primeira questão, demarcação epistêmica, Mezan (2007) e Simanke (2009) trazem a ‘querela dos métodos’. Essa questão ancora-se no fato de Freud ter considerado, em todo seu percurso, a psicanálise uma *Naturwissenschaft*, curioso postulado, sobretudo se tomamos o que hoje entendemos como ciência da natureza. Para Mezan (2007), o argumento de considerar a psicanálise ciência da natureza e, portanto, não uma *Geisteswissenschaft*, era bem explicitado.

O que nos interessa dessa discussão é o entendimento de ciência da natureza e sua relação com o modelo evolucionista darwiniano. Como sinaliza Paulo Ceccarelli (2007), a teoria psicanalítica só pode ser devidamente apreciada e compreendida a partir da teoria da evolução de Darwin. Conforme Mezan, para Freud, o modelo de uma *Naturwissenschaft* era invariavelmente o da física newtoniana (Mezan, 2007). A psicanálise freudiana usufruiu do modelo newtoniano em suas formulações, neste caso, erigindo-a sobre “certos princípios clássicos” (Ferretti, 2020, p. 197), isto é, a ideia de forças psíquicas, o uso de terminologias como a de ‘mecanismos’, bem como metáforas que envolvem a ideia de circuito elétrico, hidráulico, mecânico etc. “Freud julgava estar procedendo como Galileu ou Newton, e é nesse espírito que faz suas afirmações quando trata da cientificidade da Psicanálise. É essa crença que o leva a incluir sua disciplina no elenco das ciências naturais” (Mezan, 2007, p. 349).

Ferretti (2020) argumenta que, desde o *Projeto de uma Psicologia Científica* (1895/1996), Freud erigiu a psicanálise para além do modelo fisicalista newtoniano, também com base no modelo evolucionista darwiniano. Tal afirmação nos permite dizer que Freud era de fato um evolucionista e darwinista (Souza, 2003). Dava, assim, um solo necessário para argumentar que a psicanálise seria uma ciência da natureza, postulando a aproximação com o que fora produzido e proposto por Darwin em *A origem das Espécies*.

Não cabe aqui apresentar toda a contribuição de Darwin ao *Projeto* freudiano; no entanto, há de se fazer menção que a construção de seus 15 capítulos se constitui de linhas costuradas que resultaram em um grande tapete. Como exemplo dessas linhas, temos a crítica à criação de espécies de maneira independente; as variações em estado de domesticação, o que proporcionou o entendimento da evolução artificial e, portanto, da seleção artificial; a ideia da escala de tempo em milhões de anos e seu conjunto de exemplos particulares coletados na viagem no *Beagle*.

Mas por que isso é importante? O argumento de Darwin, nesse caso, a evolução por meio da seleção natural, não pode ser comprovado do mesmo modo que os postulados da física e da química, pois não há evidência empírica imediata e conclusiva (Mezan, 2007).

É o conjunto de linhas reunidas em um mesmo modelo argumentativo que converge para a formulação de um solo teórico. Por meio dessas linhas, o modelo evolucionista de Darwin e a psicanálise freudiana se aproximam ainda mais: em ambos, a impossibilidade de comprovação através de evidências empíricas imediatas e conclusivas sustentam o argumento.

Ao longo de sua produção, Darwin serviu-se dos procedimentos comuns à comunidade científica, a saber, observação sistemática, comparativo de dados de fontes não iguais, construção de uma regra geral a partir de pequenos fatos obtidos, estudo das variações e exceções, inferência diante dos fatos seguida de sua abrangência, construção de estratégias de refutação perante outras interpretações para os dados coletados pelo autor, entre outros (Mezan, 2007). Com base no autor, para além desses, outros procedimentos também foram utilizados: a) ideia de causalidade múltipla; b) estudo de casos exemplares; c) construção a partir do atual e do possível; e, em acréscimo, d) uso dos métodos dedutivo e indutivo.

Esses procedimentos foram utilizados por Freud, apesar da crença – pouco fundamentada – de que Freud não coadunava com o método científico e, principalmente, com a ciência. Assim, não seria equivocado dizer que a psicanálise apresenta parâmetros próximos aos da teoria de evolução de Darwin. Ainda segundo Mezan (2007), agora com base em Regner (2004), o ponto (a), causalidade múltipla, demarca a complexidade inerente à natureza, um sistema complexo em que cada espécie inevitavelmente dependeria de outra espécie para sobreviver. Haveria, portanto, uma convergência de fatores na explicação das adaptações bem-sucedidas, conferindo à causalidade a característica de um processo não-linear, erigido sob os termos de funções, metas e propósitos e, ao mesmo tempo, em termos de estrutura e rede causal.

O ponto (b), estudo de casos exemplares, delineado como a mais completa e extensa enumeração de fatos, seria, paradoxalmente, sempre incompleto, pois a teoria seria propriamente testada com maior vigor em casos específicos. Um exemplo que demarca o raciocínio indutivo de Darwin, é visto no início de *A Origem das Espécies*, no qual postula que as variedades conhecidas de pombos descendem de um mesmo tronco, o que poderia ser generalizado a todos os animais e plantas, não obstante esses casos fossem menores.

A partir daí, pode-se chegar ao ponto (c), construção a partir do atual e do possível, considerando-se as observações atuais, ou variações devidamente observadas, poderiam ser traçadas as formas intermediárias entre o que seria a espécie originária e as atuais, bem como os mecanismos que proporcionaram diferenças e semelhanças entre estas.

Esses fatores organizados dialogicamente, portanto, em relação convergente uns com os outros, trariam explicação plausível para a distribuição geográfica da espécie, variações entre machos e fêmeas, suas diferenças individuais e transmissão por hereditariedade.

O exercício de reflexão que emerge dos pontos mencionados permite explorar as pistas da teoria evolucionista nos textos de Freud, como já dito, para além de seu uso heurístico, simbólico ou teórico. Mezan descreve como os pontos mencionados se mostram, de maneira semelhante, na obra de Freud:

Como não reconhecer, nesse tipo de argumentação, o que nos é familiar nos escritos de Freud? A causalidade ‘em termos de metas’, para dar um exemplo, é o que vemos em ação no princípio do prazer: ‘evitar o desprazer’ é obviamente uma causa final, ainda que funcione como causa eficiente na criação dos mecanismos de defesa. A ‘rede causal’ nada mais é do que a conhecida sobredeterminação, a que Freud recorre com a frequência que conhecemos. O estudo dos ‘casos exemplares’ e a função probatória a eles atribuída têm seu paralelo nos casos clínicos que ainda hoje estudamos com afinco. O ‘poder explicativo da teoria como um todo’ é o que permite a Freud, na *Interpretação dos sonhos*, justificar a introdução da idéia de inconsciente – e isso ele já havia feito antes, ao recorrer a esse conceito para dar conta do efeito da sugestão hipnótica após o despertar do hipnotizado. O ‘jogo do atual e do possível’ recobre exatamente o que Freud entende por reconstrução. (Mezan, 2007, p. 348)

Desta forma, ao demarcamos esse eixo temático, admitimos que a psicanálise freudiana está ancorada em um modo peculiar de fazer ciência. Neste caso, um modo darwiniano, permitindo aqui uma licença argumentativa de caráter epistemológico. Este aspecto torna evidente para nós o fato de Freud em todo seu percurso ter colocado a psicanálise no mesmo patamar da teoria da evolução de Darwin nos ditos ‘golpes à integridade do eu’ e em sua legitimidade científica. Operou, assim, um “desconcerto na ciência” nas palavras de Setubal (2006, p. 146), visto que não apenas o parentesco metodológico, mas também a repulsa e a recusa de que ambos foram vítimas são demasiadamente semelhantes. Embora as teorizações de Freud e de Darwin tivessem provocado repulsa e recusa nos primeiros tempos de suas publicações, Setubal (2016) indica motivos associados à postura intelectual que, em certa medida, fizeram com que a teoria de Darwin passasse a ser mais aceita no ambiente científico do que a psicanálise freudiana, com o passar do tempo.



### **O evolucionismo darwiniano como um recurso na formalização da obra freudiana**

É importante pontuar que, ao longo da obra de Freud, Darwin apresenta-se para além das referências com o uso do nome “Charles Darwin” em seus textos, conforme mostram Ferretti e Loffredo (2013). Ao pensar no nome próprio Charles Darwin como um recurso, constatamos desdobramentos de seu evolucionismo. O termo “filogênese” é exemplo disso, ora empregado por Freud para se referir ao passado da espécie humana, e portanto, indiretamente a Darwin, ora estendendo-se à dimensão biológica ou à biologia no geral, como uma referência ao evolucionista inglês (Barbosa & Santos, 2005). Assim, parece lícito considerar o fundador da psicanálise um evolucionista (Setubal, 2016).

Ao postular a psicanálise como ciência, e no caso da proposta freudiana uma ciência da natureza, Freud recorreu a Darwin e seu evolucionismo inúmeras vezes, utilizando-o como um *recurso*. Nessa direção, alguns autores na literatura brasileira (Armiliato, 2021; Armiliato & Bocca, 2020; Ferretti, 2020; Setubal, 2016; Simanke, 2014, 2014a, 2009; Ferretti & Loffredo, 2013; Viana, 2010; Winograd, 2007; Barbosa & Santos, 2005; Souza, 2003) contribuíram para evidenciar essa ocorrência tanto como *recurso teórico (ratificação/justificação)*, ao se direcionar ao passado filogenético para pensar sua metapsicologia, quanto como *recurso heurístico e simbólico*, sendo todos convergentes.

As formulações freudianas, sobretudo de parte da sua metapsicologia, foram pensadas a partir da relação entre ontogênese e filogênese de modo bidirecional. Investigações no campo da filogênese produziram respostas e auxílio para investigações no campo da ontogênese e, igualmente, investigações no âmbito da ontogênese trariam os mesmos efeitos para o âmbito da filogênese. Nessa trama, especialmente no que se refere à direção do estatuto ontogenético para o filogenético, esse movimento se deu para ratificar evidências ontogenéticas ou, na falta destas, ampliar seu campo de exploração. Em resumo, Freud as utilizava como *recurso de ratificação e/ou de justificação*, que costumeiramente aparecem entrelaçados. Segundo Barbosa e Santos (2005), ao elaborar conceitos que compõem o arcabouço teórico da psicanálise a partir da clínica, Freud buscou fundamentá-los com “hipóteses derivadas da biologia” (Barbosa & Santos, 2005, p. 163), neste sentido, darwinianas.

Deste modo, Freud ratifica o observado na clínica, tornando possível pensá-la por meio da biologia. Outra forma de utilizar esse jogo de formulações que, por sua vez, aponta para o *Freud darwinista*, são seus *recursos* à biologia como ponto de articulação de um raciocínio, reiterando o modo de pensar “sobriamente darwiniano”, e convertendo modelos biológicos em metáforas e analogias, como nos lembram Barbosa e Santos

(2005). Cabe sublinhar que metáforas e analogias são comuns e recorrentes em toda a obra de Darwin.

Conforme destaca Ferretti (2020, p. 202), “a filogênese somente pode ser invocada após se ter esquadrihado a ontogênese”. Há, portanto, a *ratificação* de que essas observações clínicas encontravam respaldo na filogênese. Ao esgotar o campo da ontogênese, direcionava-se a encontrar respostas necessárias para fundamentar hipóteses ontogenéticas no campo da filogênese, anunciando, portanto, uma peculiar “diretriz metodológica” (p. 202) em Freud, também apontada por Armiliato (2020) e Armiliato e Bocca (2020). Podemos dizer, então, que:

o recurso à biologia se dá quando o movimento do pensamento freudiano *não dispunha de instrumentos para explicar o transcurso dos processos psíquicos*, ou, o que resulta no mesmo, a biologia no pensamento freudiano está relacionada com o *caráter enigmático* da gênese e dos movimentos do aparelho psíquico (Barbosa & Santos, 2005, p. 163-164, grifo nosso).

Tal recurso torna possível demarcar a particularidade do pensamento freudiano que se preocupava em explicar as formas anímicas e suas variações, bem como a organização do psiquismo orientado por essa *diretriz* em contraponto à explicação das formas biológicas (Winograd, 2007). Para entender melhor esse ponto, cabem algumas considerações. Conforme demonstramos na seção anterior, Haeckel foi forte divulgador e defensor das teorias de Darwin na Alemanha e, podemos dizer com segurança, principalmente a partir de Ritvo (1992), que Freud utilizou uma de suas principais hipóteses que expressam o evolucionismo: a ontogênese recapitula a filogênese, com base na teoria da Gástrula e a Lei biogenética fundamental. Neste sentido, em seu desenvolvimento individual, o ser humano recapitularia estágios arcaicos da espécie. Por exemplo, o desenvolvimento embrionário acabaria por ratificar o que teria acontecido com as espécies através dos tempos. Essa contribuição de Haeckel foi fundamental para validar parte das hipóteses de Darwin e principalmente aquelas formuladas por Freud.

Essa particularidade reforça a ideia de Barbosa e Santos (2005, p. 163-164) de que “[...] a fundamentação das hipóteses propriamente psicanalíticas, permitindo a instauração de novos desdobramentos” acabaria por conduzir “a novos descobrimentos e à formulação de novas hipóteses”. A principal diferenciação das formas anímicas para as formas biológicas, proposta por Freud, é que na forma biológica a recapitulação seria uma sucessão de estágios transitórios substituídos por novas etapas, e no psiquismo, ou

melhor, na filogenia anímica, conforme Winograd (2007), os estágios do psiquismo podem coexistir. Assim, enquanto o caráter morfológico e fisiológico sofre alterações e difere em seus estágios, como por exemplo na infância e adolescência ou infância e adultez, no campo psíquico, os estágios podem persistir, existir e coexistir paralelamente. De acordo com Winograd (2007, p. 74), “[...] a diferença entre uma filogênese biológica dos corpos e uma filogênese anímica que ocorre ao mesmo tempo, em paralelo e numa relação de ação recíproca com a primeira. Diferença fundamental, pois era um dos argumentos centrais da teoria freudiana”.

Vemos que o tempo cronológico, em seu caráter linear, e o contínuo movimento do simples ao complexo, marcas do cartesianismo em Darwin, tomam contornos diferentes e diferem do usual no campo de investigações biológicas, o que, por sua vez, demarcam a singularidade da vida anímica pensada por Freud. Agora cabe apresentar alguns casos em que essa diretriz metodológica e formulações se mostram presentes, a fim de evidenciar o que acabamos de dizer, antes de prosseguirmos no *recurso heurístico e simbólico*.

Como nos lembram Barbosa e Santos (2005, p. 163): “Freud recorre ao saber da biologia [Darwin/Filogenia] para fundamentar determinadas hipóteses [...] que, inseridas nos albores da disciplina fundada por ele, *mostravam-se obscuras aos olhos do próprio Freud* (Barbosa & Santos, 2005, p. 163, grifo nosso). Esse trecho permite-nos dizer que tal movimento é de grande valia para a construção da práxis psicanalítica e, principalmente, de seu melhor entendimento, visto que, em sua metapsicologia, Freud lançou mão desse recurso. Como exemplo, ainda segundo Barbosa e Santos (2005), Freud se vale da biologia para fundamentar hipóteses a respeito da teoria das pulsões que se mostravam obscuras e, além disso, pareciam ancoradas na biologia de Darwin e seus colaboradores. Nesse mesmo ponto, a respeito da metapsicologia, Armiliato (2020) e Armiliato e Bocca (2020) demonstram como a biologia de Darwin e o *recurso* a esta aparecem, sobressaindo a necessidade de se considerar a questão da filogênese como intrínseca à obra de Freud.

Outro exemplo é a diretriz metodológica explorada por Ferretti (2020) em *Projeto de uma Psicologia Científica* (1895) e *Além do Princípio do Prazer* (1920). O autor argumenta que grande parte daqueles que estudaram o *Projeto* (1895) atribuíram ao texto a definição simplista de um caráter estritamente neurológico (Ferretti, 2020). Portanto, o texto não passaria de um conjunto de elaborações neurológicas construídas por Freud em uma suposta pré-história da psicanálise, sendo ultrapassado. Além disso, pouco se

relacionaria com o conjunto de textos que compõem a obra, sobretudo no que se refere ao caráter evolucionista dos textos freudianos.

Em contraponto, segundo Ferretti, o *Projeto* é fundamental, principalmente por indicar vestígios da teoria evolucionista de Darwin. O texto é dividido em duas explicações: mecânicas e biológicas, em que “as primeiras aduzem às leis gerais do movimento e do equilíbrio, as últimas recorrem ao aspecto genético e ao valor adaptativo de um determinado fenômeno ou ação” (Ferretti, 2020, p. 197). Erigindo a teorização, então, sob esses dois pontos, Freud examina o funcionamento psíquico em termos mecânicos de quantidade e matéria e utiliza esse modelo explicativo para construir hipóteses sobre o princípio da inércia e da constância. Argumenta que a neurologia não poderia ser reduzida a uma mecânica, evidenciando a necessidade de ser formulada em parâmetros evolucionistas.

Assim, Ferretti (2020) se debruça sobre o texto de Freud, percebendo como, em alguns casos, os domínios mecânico e biológico se mostram entrelaçados. Por exemplo, a noção de função neuronal marca “uma passagem sutil do domínio mecânico ao domínio biológico” (Ferretti, 2020, p. 198). Também é evidenciado como o estudo das funções reflexas é compreendido em parâmetros evolucionistas, neste caso, produzindo contornos filogenéticos. Ferretti (2020) confirma a diretriz metodológica, aqui explicitada, nessa trama entre o mecânico e o biológico.

Torna-se possível apontar uma correspondência entre os domínios mecânico e biológico ao longo do *Projeto* (1895/1996). Demarca-se, sobretudo, a diretriz e uso como *recurso*, visto que, nos dois casos, como já dissemos, haveria esgotamento do campo ontogenético para então se direcionar à investigação no âmbito filogenético, a fim de *ratificar* ou *justificar* hipóteses. No caso do *Projeto*, tal hipótese aparece como recusa a recorrer ao “enfoque biológico sem antes esgotar o poder explicativo do enfoque mecânico” (Ferretti, 2020, p. 201).

Sobre o segundo texto, *Além do Princípio do Prazer* (1920/2010), Ferretti (2020) analisa a construção das seções para erigir a diretriz aqui mencionada. De acordo com o autor, nas três primeiras seções, Freud se dedica a construir o problema que justificaria a tarefa da quarta seção: desvelar gênese e estrutura do aparelho psíquico. Esse problema fora construído a partir da clínica das neuroses, dos sonhos traumáticos, das brincadeiras infantis que, em seu conjunto, autorizavam a hipótese de compulsão à repetição que excede a ideia do princípio do prazer. Portanto, seguindo esse caminho, há um avanço em

seu objetivo: a compreensão da gênese do aparelho psíquico, ou seja, seu desenvolvimento e evolução.

Tomemos como exemplo duas das observações clínicas de Freud, as brincadeiras infantis e a compulsão à repetição, para evidenciar o conjunto de questões aqui expostas. Antes de mais nada, nesses dois exemplos, observações a respeito das brincadeiras infantis encontram sustento em sua análise no nível ontogenético; contudo, a compulsão à repetição junto às vivências traumáticas evocam a necessidade do *recurso* ao filogenético explicativo, mesmo que, em certa medida, também apareça de maneira analógica.

Sendo assim, tais repetições não podem ser explicadas apenas por uma análise ontogenética, demarcando a necessidade de um *recurso* filogenético que, nesse caso, é orientado pelo conceito de *pulsão*. Sobre esse ponto, devemos lembrar que Freud se preocupava em explicar o obscuro fenômeno da compulsão à repetição. Assim, buscou em incursões filogenéticas explicações para tal natureza, evidenciando a originalidade de sua hipótese sobre a repetição. Segundo Ferretti (2020, p. 208), para “forjar um “conceito original de repetição” suscitou o *recurso* a uma diretriz metodológica de natureza genética” (grifo nosso). Assim, como já mencionamos, as explicações de caráter filogenético em *Além do princípio do prazer* (1920/2010), igualmente às encontradas em *Projeto de uma Psicologia Científica* (1895/1996) só podem ser compreendidas em sua complexidade após esgotarem-se investigações de nível ontogenético.

Até aqui, o que dissemos a respeito desse *recurso* de *ratificação* e *justificação*, por vez também analógico, visa dar a robustez a esse tipo de investigação. Igualmente, denuncia, “a incompreensão das atitudes de estranhamento e dos esforços hermenêuticos de exclusão das incursões filogenéticas do autor” (Ferretti, 2020, p. 209). Haveria de se ter um olhar atento para os textos freudianos, seja aqueles em que Darwin é de fato citado, seja aqueles nos quais essa relação, o *Freud darwinista*, aparece nas entrelinhas.

O *recurso heurístico* diz respeito a momentos em que Freud cita trechos das obras de Darwin ou conteúdos desta. Segundo Ferretti e Loffredo (2013), essa rota de investigação se mostra profícua na medida em que se configura como crucial para o entendimento do estatuto epistêmico da psicanálise, pois “não se pode compreender o juízo freudiano a respeito de sua construção sem antes verificar os alicerces desta, fabricados com auxílio de Darwin” (Ferretti & Loffredo, 2013, p. 112). Desta forma, para nosso interesse, o *recurso heurístico* se apresenta com um caráter mais direto, orientado pelas referências presentes nos textos de Freud.

Em *Estudos sobre a histeria* (1895/2016), Freud recorre a Darwin ao tomar de empréstimo conceitos e observações importantes conjecturadas pelo evolucionista em *As expressões das emoções no homem e nos animais* (Darwin, 1872/2006). De acordo com Ferretti e Loffredo (2013), através de Darwin, ao estudar a patologia histérica, Freud pôde atender para o funcionamento afetivo em seu caráter dinâmico e econômico, tão importante em sua metapsicologia, assim como conceber uma via de incursão ao passado da espécie, já mencionada anteriormente.

Em dois casos, o das pacientes Emmy von N. e Elisabeth von R., Freud utilizou dois princípios darwinianos apresentados em *As expressões das emoções no homem e nos animais* (1872/2006): o princípio dos hábitos úteis e o da ação direta do sistema nervoso, o qual atribui certos movimentos expressivos à força nervosa gerada em excesso.

Para delimitar suas observações, Freud pôde concluir que certos movimentos observados eram apenas manifestações comuns, não lhes atribuindo valor patológico. Contudo, a partir disto, em certas manifestações vividas, desinibidas ou até mesmo frequentes, concluiu que a diferença entre manifestações normais e patológicas, neste caso, seriam de caráter quantitativo e não qualitativo, portanto, uma diferença em grau e não em natureza (Ferretti & Loffredo, 2013). Desta forma, Darwin aqui é evocado para a produção de um discernimento e um limite entre o que seriam as manifestações comuns a todos os seres humanos do ponto de vista da espécie e aquelas às quais seria atribuído um caráter patológico.

Nessa mesma linha, Freud recorre a Darwin para investigar, agora, não apenas o grau de diferenciação entre normal e patológico, mas também o sentido das manifestações em uma incursão filogenética, logo histórica. No caso Elisabeth von R., Freud percebe que aquelas manifestações sintomáticas tinham origem em momentos significativos, portanto poderiam ser explicadas pelo processo de simbolização. No entanto, ele considerou que esse processo transcendia fatores pessoais e voluntários, devendo-se à “reativação de impressões engendradas num passado remoto”, como lembram Ferretti e Loffredo (2013, p. 115).

De acordo com Ferretti e Loffredo (2013), os textos *Inibição, Sintoma e Angústia* (de 1926), *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (de 1917), *Visão geral sobre as neuroses de transferência* (de 1915), *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (de 1905) revelam quão as hipóteses de Freud são tributárias das concepções darwinianas do comportamento emocional, portanto uma explicação darwiniana dos afetos, bem como da teoria da recapitulação.

Observar o emprego das referências a Darwin nos textos freudianos, principalmente aqueles oriundos das investigações sobre as emoções, publicado em 1872, tornou possível, como já mencionado, visualizar o aspecto econômico do afeto, fundamental na explicação de sua metapsicologia. Do mesmo modo, é possível atentar para a dimensão histórica na explicação do sentido dos fenômenos psíquicos, também fundamental na metapsicologia. Freud deveria a Darwin algo tão fundamental e até popular na psicanálise e sua metapsicologia: o caráter “econômico-dinâmico” desta.

Uma verdadeira incursão ao passado filogenético da espécie, evidenciando o recurso heurístico a Darwin, se dá em *Totem e Tabu* (1912-1913/2012), em que Freud recorre a outra obra darwiniana, *A Origem do homem e a seleção em relação ao sexo* (1871/1974), utilizando o recurso ao tempo primitivo darwiniano, principalmente para fundamentar o que seria a aparição da estrutura edípica no passado primevo. Há uma peculiaridade nesse texto, pois Freud, ao tentar explicações e fundamentação para suas hipóteses, especialmente referentes ao horror ao incesto, não evoca Darwin para buscar, necessariamente, explicações biológicas, sociológicas, antropológicas ou psicológicas, mas sim, uma explicação denominada por ele como *histórica* (Ferretti & Loffredo, 2013). Aqui, a particularidade e o valor heurístico sobre a construção freudiana se mostram com valor de destaque e demasiadamente importantes, pois são transcendentais, servindo também para cancelar o exercício especulativo de seu texto.

Já o *recurso simbólico* confere a Darwin um valor de peso na elaboração freudiana, não apenas por demarcar o modo de teorizar semelhante e, assim, colocar a psicanálise no conjunto de disciplinas que emergem sob influência de parâmetros evolucionistas, mais também por marcar a herança que a psicanálise teria e à qual se assemelharia, como símbolo de uma revolução antropológica. Freud colocou a psicanálise ao lado da teoria darwiniana da evolução ao considerar que esta conferiu o segundo golpe ao narcisismo humano (Freud, 1917/2010a). Assim sendo, direcionou os meios para desvelar contornos epistêmicos da psicanálise que, neste caso, se inseria na corrente do naturalismo. Se consideramos a inserção da psicanálise como parte de uma corrente naturalista alojada ao lado da teoria da evolução, ao destruir o lugar privilegiado do ser humano, torna-se possível considerar que é central a importância que Freud dá à herança filogenética do ser humano e dos animais (Ferretti & Loffredo, 2013), sobretudo por erigir suas investigações sobre o psiquismo calcadas nas evidências do mundo orgânico.

Freud dá a ver o alcance das descobertas darwinianas no domínio psíquico, embora ele próprio arrogue autoria do golpe psicológico. De todo modo, *isso faz de Darwin uma espécie de padrinho epistêmico de Freud*, visto que aquele forneceu as diretrizes para o estudo do mundo orgânico, que abarca diretamente o homem, com seu corpo e sua mente. Por isso, podemos dizer que Darwin [...] *fornece caução ao saber freudiano* (Ferretti & Loffredo, 2013, p. 121-122, grifo nosso).

Fica evidenciada, para nós, a dimensão desse caução e, portanto, esse recurso simbólico, quando direcionamos nosso olhar para ambos os saberes, enquanto desconcertos na ciência, como sugere Setubal (2016). Segundo o autor, certos desconcertos são produtores de resistência, uma característica marcante tanto da psicanálise quanto da teoria da evolução darwiniana. Ferretti e Loffredo (2013) pontuam que Freud evocou Darwin também nesse âmbito, principalmente para servir de testemunha das inúmeras objeções que uma nova proposta científica poderia enfrentar, de origem afetiva e não intelectual, mas que, ao longo do tempo, passariam a ser gradativamente aceitas. Assim, Darwin serviu também de exemplo a Freud, como um *recurso simbólico*.

Vamos tomar, por exemplo, o destino de um novo saber científico, como a teoria darwiniana da evolução. *Inicialmente ela deparou com amarga rejeição*, foi debatida com veemência por décadas, mas não foi preciso mais que uma geração para que fosse reconhecida como enorme avanço rumo à verdade. O próprio Darwin alcançou a honra de possuir um túmulo ou cenotáfio em Westminster. Um caso assim nos deixa pouco a desvendar. *A verdade nova desperta resistências afetivas*, estas são representadas por argumentos que devem contestar as provas em favor da teoria indesejável; o conflito de opiniões se prolonga por algum tempo, desde o princípio há seguidores e adversários (Freud, 1938/2018, p. 95, grifo nosso).

Por fim, sublinhamos, mais uma vez, que o *recurso* a Darwin é tão evidente na obra freudiana que, possivelmente, nem o próprio Freud nem psicanalistas que o seguiram atinaram para esse fato que merece ser mais explorado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, visamos atender ao objetivo de identificar evidências e, principalmente, incidências do evolucionismo darwiniano na obra de Sigmund Freud, publicada em formato de artigo científico no âmbito nacional, nas últimas duas décadas, orientado pela pergunta: que tipo de relação entre a obra de Charles Darwin e a de



Sigmund Freud tem sido evidenciada por pesquisadores/as brasileiros/as no campo da psicanálise nas duas últimas décadas?

Embora na literatura brasileira discussões acerca da relação entre psicanálise freudiana e evolucionismo darwiniano se mostrem presentes, podemos considerá-las demasiadamente escassas e mais engajadas em marcar a presença de Charles Darwin e do modelo darwiniano nos escritos freudianos. Tal característica indica preferência em investigar a história da psicanálise freudiana e seu posicionamento epistêmico em contraponto a possíveis interlocuções teóricas com a biologia contemporânea e o neodarwinismo.

Acreditamos ter colocado em relevo que, embora as marcas do evolucionismo darwiniano na obra de Freud tenham pouca repercussão na literatura brasileira especializada, é notável o esforço de alguns autores em destacar que a influência de Darwin no texto de Freud vai além do caráter jubilatório da homenagem, incidindo sobre a metapsicologia e sobre a práxis clínica, de maneira igualmente acentuada.

À guisa de conclusão, podemos lançar a seguinte indagação: a psicanálise teria tomado outros rumos epistemológicos e teórico-clínicos se tivesse havido maior interesse e aprofundamento nos estudos no que concerne a suas bases evolucionistas?

## REFERÊNCIAS

- Armiliato, V. (2021). O Passado Bate à Porta: as Marcas do Evolucionismo em "Visão de Conjunto das Neuroses de Transferência". *Sofia*, 9(2), 99-120. <http://dx.doi.org/10.47456/sofia.v9i2.32396>
- Armiliato, V., & Bocca, F. V. (2020). Um além que vem do passado: o evolucionismo e o caráter regressivo e patológico das pulsões. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, 11(2), 175-194. <http://dx.doi.org/10.5902/2179378647108>
- Barbosa, M. N. P., & Santos, M. A. (2005). Considerações sobre a dimensão biológica do conceito de pulsão em Freud. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 162-170. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722005000200003>
- Buican, D. (1990). *Darwin e o Darwinismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ceccarelli, P. R. (2007). Freud traído. *Reverso*, 29(54), 43-53. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952007000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952007000100007&lng=pt&nrm=iso)

- Darwin, C. (2018). *A origem das espécies por meio de seleção natural: ou A preservação das raças favorecidas na luta pela vida*. (P. P. Pimenta, Trad.). São Paulo: Ubu. (Original publicado em 1859)
- Darwin, C. (1974). *A origem do homem e a seleção sexual*. São Paulo: Hemus. (Original publicado em 1871)
- Darwin, C. (2009). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1872)
- Ferretti, M. G. (2020). Da ontogênese à filogênese: uma velha diretriz metodológica de Freud em "Além do princípio do prazer". *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, 11(2), 195-211. <http://dx.doi.org/10.5902/2179378647113>
- Ferretti, M. G. (2021). O "lamarckismo" de Freud e a polarização das interpretações. *Revista de Filosofia Aurora*, 33(60), 846-860. <http://dx.doi.org/10.7213/1980-5934.33.060.ds06>
- Ferretti, M. G., & Loffredo, A. M. (2013). A temática darwiniana em Freud: um exame das referências a Darwin na obra freudiana. *Psicologia Clínica*, 25(2), 109-130. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000200007>
- Freud, S. (1895/1996). Projeto para uma Psicologia Científica. In S. Freud, *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889) — Obras completas, volume 1 (pp. 341-483). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1895/2016). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Estudos sobre a histeria* — Obras completas, volume 2 (pp. 14-427). (L. Barreto, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1912-1913/2012). Totem e Tabu. In S. Freud, *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* [1912-1914] — Obras completas, volume 11 (pp. 13-155). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1920/2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *História de uma neurose infantil ("o homem dos lobos")*, além do princípio do prazer e outros textos [1917-1920] — Obras completas, volume 14 (pp. 161-239). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1917/2010a). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In S. Freud, *História de uma neurose infantil ("o homem dos lobos")*, além do princípio do prazer e outros textos [1917-1920] — Obras completas, volume 14 (pp. 240-251). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1921/2011). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In S. Freud, *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* [1920-1923] — Obras completas, volume 15 (pp. 13-113). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.

- Freud, S. (1926/2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* [1926-1929] — Obras completas, volume 17 (pp. 13-123). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1938/2018). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos* [1937 – 1939] — Obras completas, volume 19 (pp. 13-188). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Gay, P. (2012). *Freud: Uma vida para o nosso tempo* (2a ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Gould, S. J., & Vrba, E. S. (1982). Exaptation: A missing term in the science of form. *Paleobiology*, 8(1), 4-15. <https://doi.org/10.1017/S0094837300004310>
- Grady, D. G., Cummings, S., & Hulley, S. B. (2014). Pesquisas com dados existentes (cap. 13, pp. 363-392). In S. B. Hulley, S. R. Cummings, W. S. Browner, D. G. Grady, & T. B. Newman (Eds.), *Delineando a pesquisa clínica*. Porto Alegre: Artmed.
- Haeckel, E. (1989). *A origem do homem* (2a ed.). Lisboa: Global.
- Lopes, A. L. M., & Fracolli, L. A. (2008). Revisão sistemática de literatura e metassíntese qualitativa: considerações sobre sua aplicação na pesquisa em enfermagem. *Texto Contexto Enfermagem*, 17(4), 771-778. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400020>
- Lopes, A. J. (2013). O primata perverso polimorfo. *Estudos de Psicanálise*, (40), 21-30. [http://pepsic.bvsalud.org/SciELO.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372013000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/SciELO.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000200003&lng=pt&nrm=iso)
- Lorenz, K. (2009). Prefácio. In C. Darwin, *A expressão das emoções no homem e nos animais* (pp. 7-10). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? *Natureza Humana*, 9(2), 319-359. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302007000200005&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302007000200005&script=sci_abstract)
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & The PRISMA Group. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Medicine*, 6(7). <http://dx.plos.org/10.1371/journal.pmed.1000097>
- Regner, A. C. (2004). Darwin, Newton e o conceito de ciência no século XIX (pp. 73-110). In: Kunzler F, Enck E; Litvin E; Surreaux H; Klöchner L; & Lorenzoni M. (Org.). *Freud e seus filósofos*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

- Ritvo, L. B. (1965). Darwin as the source of Freud's neo-Lamarckism. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 13(3), 499-517. <https://doi.org/10.1177/000306516501300302>
- Ritvo, L. B. (1972). Carl Claus as Freud's professor of the new Darwinian biology. *The International Journal of Psychoanalysis*, 53(2), 77-83. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/4560415/>
- Ritvo, L. B. (1974). The impact of Darwin on Freud. *The Psychoanalytic Quarterly*, 43(2), 177-192. <https://doi.org/10.1080/21674086.1974.11926667>
- Ritvo, L. B. (1992). *A influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. 5.
- Setubal, J. C. (2016). Desconcertos na ciência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 50(3), 145-152. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0486-641X2016000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0486-641X2016000300011&lng=pt&nrm=iso)
- Simanke, R. T. (2009). A psicanálise Freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*, 7(2), 221-235. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200004>
- Simanke, R. T. (2014). O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, 12(1), 73-95. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-31662014000100004>
- Simanke, R. T. (2014a). O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. *Scientiae Studia*, 12(3), 439-464. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-31662014000300003>
- Souza, M. R. (2003). Teoria evolucionista e psicanálise: ressonâncias? *Pulsional Revista de Psicanálise*, 16(167), 56-65. [https://www.academia.edu/38792493/Teoria\\_Evolucionista\\_e\\_Psican%C3%A1lise\\_resson%C3%A2ncias](https://www.academia.edu/38792493/Teoria_Evolucionista_e_Psican%C3%A1lise_resson%C3%A2ncias)
- Sulloway, F. J. (1992). *Freud, biologist of the mind - beyond the psychoanalytic legend*. London, England: Harvard University Press.
- Viana, M. B. (2010). Freud e Darwin: ansiedade como sinal, uma resposta adaptativa ao perigo. *Natureza Humana*, 12(1), 1-33. 12. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302010000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000100006)
- Winograd, M. (2007). Freud e a filogenia anímica. *Revista do Departamento de Psicologia*, 19(1), 69-81. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-80232007000100006>

## ARTIGO 2

### O EVOLUCIONISMO DARWINIANO EM CONCEITOS FREUDIANOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA NACIONAL<sup>7</sup>

#### DARWINIAN EVOLUTIONISM IN FREUDIAN CONCEPTS: A REVIEW OF NATIONAL LITERATURE

##### Resumo

Esse estudo consiste em identificar, por meio de uma revisão da literatura nacional em psicanálise, a discussão sobre os principais conceitos freudianos em sua relação com a teoria da evolução darwiniana abordado pelos pesquisadores/as brasileiros/as em formato de artigo científico publicado em periódico. Almeja também possibilitar uma maior aproximação entre o campo da biologia e a psicanálise, visto que hipóteses e conceitos de Freud se entrelaçam, de forma manifesta ou latente, com a teoria da evolução darwiniana. Foram evidenciados cinco conceitos que apresentam relação com parâmetros evolucionistas ou foram examinados pelos autores com fins de uma possível correlação: Inconsciente, Pulsão (*Trieb*), Recalque, Neurose e Angústia. Nas interações conceituais entre a teoria da evolução darwiniana e os conceitos freudianos o conceito de *Trieb* mostrou-se objeto de grande atenção na maior parte dos estudos coletados. Trata-se de um conceito fulcral à psicanálise, uma senda valiosa para a interlocução conceitual com a biologia evolutiva darwiniana e que pode ensejar uma linha de investigação profícua, sobretudo no que diz respeito ao papel desempenhado pela pulsão de morte.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Teoria Freudiana; Teoria da Evolução; Biologia Evolutiva. Revisão Sistemática.

##### Abstract

This study aims to identify, through a review of national literature in psychoanalysis, the discussion on the main Freudian concepts in relation to Darwinian evolution theory addressed by Brazilian researchers in the form of a scientific article published in a journal. It also seeks to enable a closer connection between the fields of biology and psychoanalysis, as hypotheses and concepts of Freud intertwine, either manifest or latent, with Darwinian evolution theory. Five concepts were highlighted that have a relationship with evolutionary parameters or were examined by the authors for a possible correlation: Unconscious, Drive (*Trieb*), Repression, Neurosis, and Anxiety. In the conceptual interactions between Darwinian evolution theory and Freudian concepts, the concept of *Trieb* proved to be a subject of great attention in most of the collected studies. It is a crucial concept in psychoanalysis, a valuable path for conceptual dialogue with Darwinian

---

<sup>7</sup> Artigo a ser submetido à *Revista Memorandum: Memória e História em Psicologia* - ISSN 1676-1669. As normas técnicas escolhidas pela revista foram mantidas, alterando apenas a fonte para Times New Roman, para esta dissertação.

evolutionary biology, and it can lead to a fruitful line of research, especially regarding the role played by the death drive.

**keywords:** Psychoanalysis; Freudian Theory; Evolutionary Theory; Evolutionary Biology. Systematic Review.

## INTRODUÇÃO

Desde a publicação de *A Origem das Espécies* em 1859 e a proeminente contribuição a respeito do processo de evolução das espécies por meio da seleção natural, a influência de Charles Darwin e de sua teoria manifestou-se de forma cada vez mais incontestável nas diversas disciplinas do conhecimento científico, transcendendo o âmbito restrito da biologia e alcançando os campos da psicologia e da psicanálise. Dentre as múltiplas direções que trilhou, o pensamento evolucionista encontrou solo fértil na elaboração da psicanálise através da obra de seu fundador, Sigmund Freud.

Como demonstra Ritvo (1992), Freud esteve em estreito contato com os estudos da biologia darwinista ao longo de sua formação universitária. Contudo, essa estreita relação não se resume apenas ao impacto em sua formação. Neste sentido, a teoria da evolução darwiniana não teria apenas uma influência sobre Freud do ponto de vista formativo, mais também metodológico, heurístico e teórico (Ferretti & Loffredo, 2013).

De acordo com Assoun (1983) e Sulloway (1992), a psicanálise freudiana é erguida sobre uma epistemologia de caráter evolucionista, pouco explorada. Nossa hipótese pode ser, então, assim formulada: Freud ergueu sua ciência valendo-se, dentre outras contribuições científicas, artísticas e filosóficas, do modo darwiniano de fazer ciência, usufruindo da teorização e argumentação darwinianas. Em outras palavras, há, a nosso juízo, pontes entre seus conceitos e a teoria da evolução darwiniana.

Sendo assim, nosso propósito aqui reside em identificar, por meio de uma revisão da literatura nacional em psicanálise, a discussão feita por pesquisadores/as brasileiros/as, em formato de artigo científico publicado, sobre conceitos freudianos em relação com a teoria da evolução darwiniana. Almeja também possibilitar uma maior aproximação entre o campo da biologia e a psicanálise, visto que hipóteses e conceitos de Freud se entrelaçam, de forma manifesta ou latente, com a teoria da evolução darwiniana.

## MÉTODO

Examinamos a literatura científica composta por artigos nacionais publicados em periódicos disponíveis indexados, uma vez que o processo de indexação desempenha papel fundamental ao garantir qualidade e relevância a periódicos científicos, conferindo-lhes credibilidade e validade.

Apresentamos e discutimos as produções nacionais sobre a temática, adotando como método a revisão sistemática da literatura desenhada com base nas orientações PRISMA (Moher et al., 2009). A escolha deste tipo de produção justifica-se por seu caráter estruturado, tendo sido aqui orientada pela pergunta-chave: que tipo de relação a literatura brasileira no campo da psicanálise estabelece entre conceitos freudianos e a teoria da evolução darwiniana?

Os seguintes bancos de dados foram aqui utilizados: Medline - Medical Literature Analysis and Retrieval System Online, EBSCOhost - Business Source Complete, LILACS - Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde, SciELO - Scientific Electronic Library Online, PePSIC - Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia, Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico, após uma primeira busca exploratória no Google e em outras bases não indexadas. As bases de dados foram selecionadas a fim de encontrar artigos potenciais para compor a amostra, mesmo naquelas consideradas internacionais para uma primeira aproximação com o material.

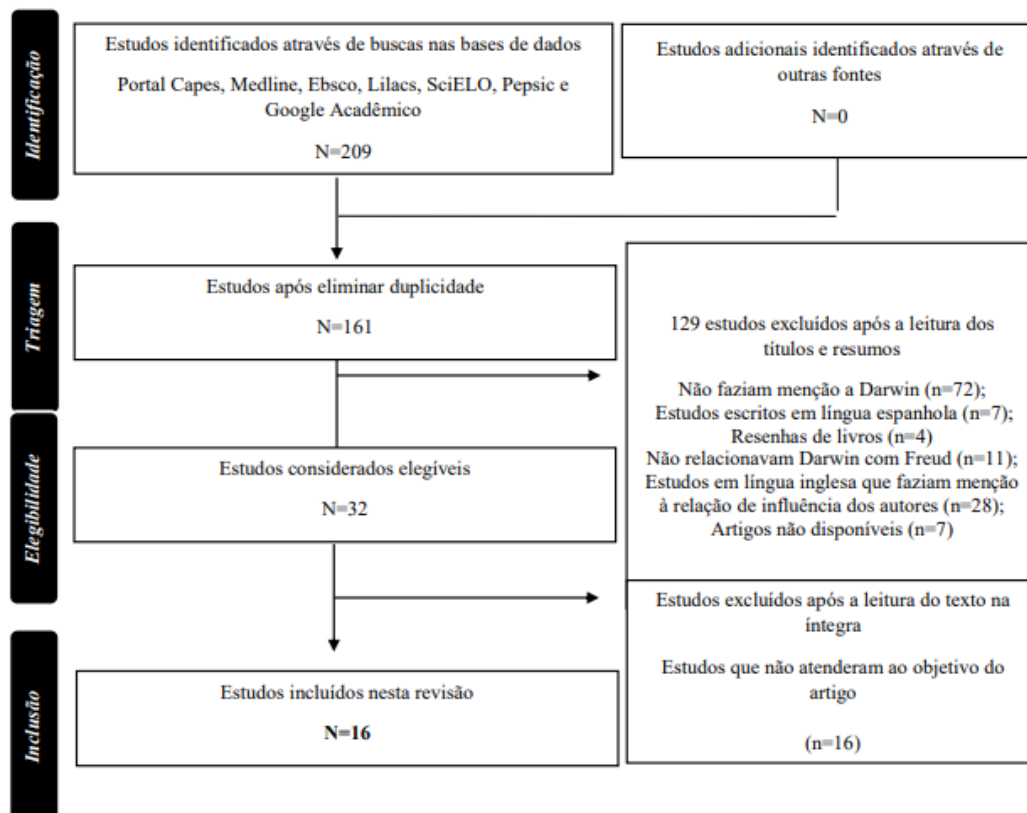
O levantamento da amostra para a realização desta revisão nas bases de dados supracitadas deu-se no mês de abril de 2022, por meio dos descritores: “Charles Darwin”, “Sigmund Freud”, “Psicanálise”, “Evolucionismo”, “Darwinismo”, “Teoria Freudiana”, “Biologia evolutiva” e “Filogenia”. O idioma dos descritores/palavras-chave variou conforme a natureza mais nacional ou mais internacional de cada base, sendo também utilizado cruzamentos específicos para cada base de dados, com os operadores booleanos [AND], [OR], [NOT].

Após identificar previamente, tabular e armazenar os potenciais artigos para análise, procedemos ao refinamento da pesquisa com base nos critérios de inclusão e exclusão. Critérios de inclusão: a) ensaios teóricos b) estudos de revisão c) publicados em periódicos nacionais d) redigidos em língua portuguesa f) desenvolvidos em instituições de ensino superior; g) que analisam especificamente a presença de conceitos estabelecidos por Freud na relação com a obra de Darwin; h) analisam a relação entre o evolucionismo darwiniano e a psicanálise freudiana sobre pontos da metapsicologia; i) com informações relacionando Darwin e Freud, mesmo que a proposta do artigo não

estivesse direcionada ao tema; j) estudos disponíveis na íntegra; k) publicados nas últimas duas décadas. No que se refere aos critérios de exclusão, foram considerados não elegíveis estudos que: embora de revisão, não relataram metodologia; apresentaram dados insuficientes para análise dos resultados; demonstraram inconsistência e/ou foram inconclusivos, no que se refere a dados que compuseram a amostra e principais resultados; teses e dissertações; artigos que não examinam conceitos.

Durante a fase de busca e identificação, foram capturados 209 artigos. No entanto, após uma triagem mais detalhada, 48 desses artigos foram eliminados devido à duplicação nos registros. Em seguida, durante a avaliação dos títulos e resumos, outros 129 estudos foram excluídos. Especificamente, foram descartados aqueles que não faziam menção a Darwin (n=72), estudos em espanhol (n=7), resenhas de livros (n=4), estudos que não estabeleciam uma relação entre Darwin e Freud do ponto de vista conceitual (n=11), artigos em inglês que abordavam a influência mútua dos autores (n=28), e aqueles que não estavam disponíveis (n=7). Após essa etapa, restaram 32 artigos, que foram lidos integralmente. Desses, 16 foram excluídos por não atenderem ao objetivo geral do artigo, não apresentando relação conceitual entre as obras. No final, um total de 16 artigos foram considerados elegíveis para análise.

**Figura 1.** Fluxograma de triagem e estratégia de busca dos artigos PRISMA.





Compõe esta revisão 16 publicações que abordaram a relação entre a teoria da evolução darwiniana e os conceitos elaborados por Freud, com especial atenção àquelas referentes a sua metapsicologia. Neste artigo priorizamos a discussão sobre o conceito de pulsão, visto sua estreita relação com os demais conceitos, não obstante os apresentemos brevemente.

**Quadro 1.** Categorização dos artigos selecionados.

<b>N</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Plataforma / Biblioteca digital</b>	<b>Periódico</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano</b>
1	ARMILIATO, Vinicius	O passado bate à porta as marcas do evolucionismo em visão de conjunto das neuroses de transferência	Google Acadêmico	Sofia	PUC-PR	2021
2	ARMILIATO, Vinicius. & BOCCA, Francisco. V.	Um "além" que vem do passado: o evolucionismo e o caráter regressivo e patológico das pulsões	Google Acadêmico	Voluntas	PUC-PR	2020
3	BARBOSA, Maria. N.P. & SANTOS, Manoel. A.	Considerações sobre a Dimensão Biológica do Conceito de Pulsão em Freud	SciELO	Psicologia, reflexão e crítica	USP	2005
4	CECCARELLI, Paulo Roberto	Freud traído	PepsiC	Reverso	Círculo Psicanalítico de Minas Gerais	2007
5	FERRETTI, Marcelo. G	Da ontogênese à filogênese uma velha diretriz metodológica de Freud em Além do princípio do prazer	Google Acadêmico	Voluntas	Fundação Getúlio Vargas (FGV)	2020
6	FERRETTI, Marcelo. G	O "lamarckismo" de Freud e a polarização das interpretações	Google Acadêmico	Revista De Filosofia Aurora	Fundação Getúlio Vargas (FGV)	2021
7	FERRETTI, Marcelo. G.;	A temática darwiniana em Freud: um exame	SciELO	Psicologia Clínica	Universidad e Estadual	2013

	LOFFREDO, A. M.	das referências a Darwin na obra freudiana			de Campinas	
8	LOPES, Anchyses. J.	O primata perverso polimorfo	PepsiC	Estudos de Psicanálise	Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).	2013
9	MEZAN, Renato	Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?	PepsiC	Natureza Humana	PUC-SP	2007
10	SETUBAL, João Carlos	Desconcertos na ciência	PepsiC	Revista Brasileira de Psicanálise	USP	2016
11	SIMANKE, Richard Theisen	A psicanálise Freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas	SciELO	Scientiae Studia	Universidade Federal de Juiz de Fora	2009
12	SIMANKE, Richard. T.	O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução.	SciELO	Scientiae Studia	Universidade Federal de Juiz de Fora	2014
13	SIMANKE, Richard. T.	O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade	SciELO	Scientiae Studia	Universidade Federal de Juiz de Fora	2014
14	SOUZA, Mauricio. R.	Teoria evolucionista e psicanálise: ressonâncias?	Lilacs	Pulsional revista de psicanálise	Universidade Federal do Pará	2003
15	VIANA, Mílina Barros	Freud e Darwin: ansiedade como sinal, uma resposta adaptativa ao perigo	PepsiC	Natureza Humana	UNIFESP	2010
16	WINOGRAD, Monah	Freud e a filogenia anímica	SciELO	Revista do Departamento de Psicologia. UFF	PUC-RIO	2007

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escassez de exploração concernente à presença da teoria evolucionista na psicanálise é notável, não obstante ser um componente incontornável no que diz respeito

à epistemologia, ao arcabouço teórico, à clínica psicanalítica, portanto imprescindível para o campo.

Aqui, procedemos à investigação acerca da possível inter-relação entre alguns dos principais conceitos freudianos e os fundamentos inerentes à teoria da evolução darwiniana, cuja abordagem, por sua vez, se revela de forma explícita ou subjacente na produção científica brasileira em formato de artigo científico (Armiliato, 2021; Armiliato & Bocca, 2020; Ferretti, 2020; Simanke, 2014, 2014a; Lopes, 2013; Viana, 2010; Ceccarelli, 2007; Mezan, 2007; Barbosa & Santos, 2005). Essa discussão se orienta pela exposição dos demais conceitos aqui encontrados para em seguida dar primazia ao conceito de pulsão, visto sua centralidade nessa discussão.

Foram evidenciados cinco conceitos que apresentam relação com parâmetros evolucionistas ou foram examinados pelos autores com fins de uma possível correlação: Inconsciente, Pulsão, Recalque, Neurose e Ansiedade/Angústia. De todos os conceitos, o de pulsão se mostrou o mais explorado e estatisticamente significativo, enquanto que os demais alcançaram a presença média em um artigo cada um. A centralidade do conceito de pulsão torna possível dizer que, assim como tal elaboração conceitual foi considerada por Freud um dos conceitos fundamentais na construção de sua metapsicologia, a presença desse conceito se mostra profícua e valiosa na articulação com a teoria evolucionista.

A neurose, enquanto um conceito presente em grande parte da formulação teórica freudiana, apresenta uma relação conceitual com a filogênese darwiniana, tema presente em sua formação e que serviu para embasar uma plêiade de teorias que sustentam seu argumento de como as neuroses e demais condições psíquicas podem ser entendidas a partir de bases filogenéticas. Segundo Armiliato (2020), alguns textos com “Totem e Tabu”, desvelam como Freud visualizou estágios da evolução psicosssexual, a transmissão de acontecimentos da história da espécie ao psiquismo atual, bem como tendências evolutivas e involutivas no comportamento dos pacientes e em expressões da civilização.

Nessa mesma medida, ainda em relação direta com a questão das neuroses em um solo filogenético, a *angústia*<sup>8</sup> conforme investigado por Viana (2010), tem relação de afinidade entre a teoria freudiana e a darwiniana. Segundo este autor, quando Freud

---

<sup>8</sup> O termo *Angústia* foi aqui utilizado para denominar *Angstneurose*, termo utilizado por Freud. Cabe ressaltar, contudo, que a tradução de *Angstneurose* como *neurose de ansiedade* tem sido debate na literatura psicanalítica, visto a sua tradução como *neurose de angústia*. Escolhemos a tradução para *angústia* neste artigo.

aborda a questão da ansiedade nas psiconeuroses, destaca a presença da ideia de conflito. Segundo Freud, a angústia surge da recusa do Eu em atender às demandas da libido. Isso leva a um conflito entre a exigência que é considerada inaceitável e o próprio Eu. A partir de Darwin, as noções de adaptação e conflito se popularizam e são essas que interessam para pensar a respeito desse ponto, afinal para Freud a noção de conflito também se mostrou axial e não nos falta referências que comprovem em um exame de referências, como Freud usufruiu dessas noções darwinianas (Ritvo, 1992; Ferreti e Ioffredo, 2013).

Essa ideia de conflito, descrita por Viana (2010) a respeito da teorização freudiana, se faz presente nas teorizações darwinianas no cerne da luta pela existência e do processo de seleção natural. Em Freud, o conflito emerge como núcleo da ambivalência humana, para além da sintomatologia histérica ancorada em conflitos patogênicos. Ainda sobre o conflito, a definição de eu a partir de “O Eu e o Isso” (1923/2011) toma contornos que o aproximam do conceito de adaptação, portanto passando a ser compreendido como um órgão<sup>9</sup> de adaptação, cujo encargo seria atuar pela mediação ou evitação de conflitos internos e externos, neste caso, intrapsiquicamente – entre duas ou mais dessas estruturas, a saber Isso, Eu, Supereu<sup>10</sup> -, bem como entre essas instâncias e o mundo externo (Freud, 1923/2011).

Dito isso, descreve Viana, utilizando a terminologia presente na edição Standard Brasileira da obra de Freud, traduzida não do alemão, mas da tradução inglesa:

Entendendo o Ego como órgão de adaptação, torna-se mais fácil entendê-lo também como sede real da ansiedade. Pois o sinal de ansiedade gerado pelo Ego possibilita a preparação do organismo para lidar com o perigo, sendo, nesse sentido, também vantajoso, ou seja, adaptativo. Portanto, se levarmos em consideração as obras freudianas que tratam do desenvolvimento filogenético da mente, talvez seja possível afirmar que o valor adaptativo da ansiedade encontra-se justamente no fato de ela funcionar como um sinal, como uma reação a um estado de perigo. A ansiedade é adaptativa não apenas por preparar o animal para lidar com o perigo, por meio da mobilização de energia psíquica, mas também por auxiliar na detecção antecipada de novas ocorrências do estado de perigo em questão (e aí se tem a importância do conceito de ansiedade como sinal) (Viana, 2010, p. 182).

---

<sup>9</sup> Cabe salientar que a noção de órgão empregada não se refere ao sentido estrito da palavra, uma vez que o aparelho psíquico não pode ser considerado de fato um órgão no sentido neurológico ou biológico da palavra.

<sup>10</sup> As estruturas aqui mencionadas fazem jus à divisão topológica Isso, Eu e Supereu. No artigo de Viana (2010), mantém-se a tradução por Ego em contraposição ao de Eu para descrever *Das Ich*, bem como Id para descrever *Das Es*.

Em Darwin, a relevância adaptativa desse afeto reside no fato de que a angústia (ansiedade) desempenha uma função biológica específica. Por outro lado, para Freud e seguindo o pensamento de Viana, a angústia não é apenas adaptativa por preparar o indivíduo para enfrentar perigos através da mobilização de energia psíquica, mas também por ajudar na detecção precoce de novas situações de perigo (Viana, 2010).

Lopes (2013) investigou a relação filogenética do Recalque e do Édipo em uma tentativa de atualizar algumas das formulações freudianas com alguma característica filogenética com o que se tem de mais atual na biologia evolutiva. Segundo o autor, investigando bonobos e chimpanzés, tornou-se possível, ao menos parcialmente, compreender como tais conceitos carregam uma base filogenética. No caso do *Recalque*, a fim de suprimir a história filogenética. Esse fato é ressaltado por Viana (2010), principalmente ao considerar o efeito da *Repressão*<sup>11</sup> como de caráter adaptativo, portanto constituindo uma função adaptativa.

No cerne da práxis psicanalítica, emerge um conceito de suma relevância, qual seja, o de *Trieb*. Na língua portuguesa, temos uma variação na tradução do conceito, ora vertido como pulsão, ora como instinto. No contexto das incursões acerca da influência do evolucionismo darwiniano sobre a psicanálise freudiana, é inescapável que a escolha, pulsão ou instinto, e os efeitos da influência darwiniana daí provenientes, delineie, de maneiras distintas, os contornos teórico-clínicos mais fundamentais da psicanálise.

Barbosa e Santos (2005) empreenderam uma investigação acerca da dimensão biológica do conceito de pulsão, a partir de determinadas tensões que conformaram o *corpus* do arcabouço psicanalítico. Eles abordaram, primordialmente, a hipótese estrutural sobre a sexualidade, cuja elaboração de conceitos como fantasia/fantasma (*Phantasie*) e desejo (*Wunsch*) constitui o alicerce da psicanálise. Em seguida, adentraram em teorizações advindas de um raciocínio biológico, mais especificamente sobre a dimensão biológica da pulsão, cujas forças motrizes foram denominadas variantes evolucionistas, englobando aspectos *evolucionistas-ontogenéticos-derivativos*, *evolucionistas-filogenéticos-instintivos* e *evolucionistas-ontogenéticos-constitutivos* do próprio conceito de pulsão (Barbosa & Santos, 2005).

Essas variantes propostas pelos autores compõem o escopo das tentativas em traçar o elo entre a biologia, neste caso evolutiva, e a psicanálise, considerando *Trieb* como

---

<sup>11</sup> Igualmente ao caso da *Angstneurose* e sua tradução, optamos por manter, mesmo que na mesma frase, a tradução de *Recalque* e *Repressão* como sinônimos, visto a posição epistemológica que Lopes (2013) e Viana (2010) tomam.

pulsão e delineando o seu caráter evolucionista darwiniano presente nessa teorização. Além disso, os autores utilizam ambos os termos: pulsão e instinto, considerando a ideia de que o instinto diz da base biológica sobre a qual a pulsão vem se instalar. As variantes evolucionistas-ontogenéticas-derivativas, segundo os autores, “[...] abordam a gênese ontogenética e a evolução da pulsão, decomposta nos seus componentes pré-genitais e em relação dialética de derivação com o instinto (Barbosa & Santos, 2005, p. 168).

Essas variantes se manifestam em um dos primeiros escritos de Freud sobre a sexualidade infantil, no qual ele concebe a sexualidade como perverso-polimorfa, guiada pelas pulsões parciais autoeróticas (pulsão oral, pulsão anal) e pela pulsão sexual (genital adulta) (Freud, 1905/2016). Segundo Freud, as pulsões parciais desfrutam de um modo independente de satisfação, prevalecendo em diferentes estágios do desenvolvimento psíquico e fisiológico, operando em zonas erógenas propícias à estimulação. Gradualmente, essas pulsões parciais se transmutam em uma organização, após a puberdade, cedendo lugar à primazia da genitalidade e, assim, submetendo-se a uma única modalidade de satisfação (FREUD, 1905/2016).

Desse modo, uma concepção evolutiva com um caráter progressivo (Barbosa & Santos, 2005) torna-se evidente, partindo das pulsões parciais da sexualidade infantil em direção à pulsão sexual genital adulta. Ressalta-se o caráter regressivo da pulsão, uma vez que o patológico também encontra sua origem nesse processo evolutivo (Armiliato & Bocca, 2020).<sup>12</sup>

A abordagem histórica da espécie humana em dimensões escalares possibilitou a hipótese do retorno a estágios primevos do psiquismo, seja nas manifestações patológicas, seja nas oníricas, ou ainda, nas culturais. Deste modo, *o próprio percurso regressivo da pulsão seguiria a trajetória evolutiva da espécie* (Armiliato & Bocca, 2020, p. 176, grifo nosso).

Nessa perspectiva, a pulsão [*Trieb*] encontrar-se-ia imersa em uma temporalidade de natureza biológica, constituindo temporalmente: linearidade, cronologia e um sentido tanto progressivo quanto regressivo, movendo-se do simples ao complexo e do complexo ao simples. Conteria, também, a satisfação como meta, conferindo à sexualidade um caráter dinâmico e em constante movimento. Os autores supracitados utilizam o termo *Trieb* como pulsão, correlacionando-o com a história evolutiva da espécie. Essa tentativa

---

<sup>12</sup> De acordo com Barbosa e Santos (2005, p. 164) “no pensamento freudiano, esta reversão é tratada como uma fixação (*Fixierung*) nos termos de inibição do desenvolvimento que dissocia a organização e que, à exceção de certas perversões, prepara as posições em que opera a regressão (*Régression*) da libido”.

corroborar com a possibilidade da marcação do pulsional em termos evolucionistas, sobretudo na definição freudiana de conceito limite entre psíquico e somático, portanto em constante relação com sua base biológica.

Desta maneira, essa concepção do simples ao complexo, adquire, segundo Barbosa e Santos (2005), contornos diferentes após a publicação de “Caráter e erotismo anal” em 1908, “A disposição à neurose obsessiva”, de 1913, a terceira edição dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, em 1905 e “A organização genital infantil” de 1923. Nesses textos, Freud enfatiza que o desenvolvimento da libido conhece um período denominado fálico. Essas alterações direcionam para uma mudança na concepção de progresso (do simples ao complexo), para dar lugar à concepção de coexistência das duas organizações, a infantil e a adulta, separadas pelo período de latência (Barbosa & Santos, 2005). Desta forma, podemos dizer que Freud constrói uma conjuntura não hierarquizada da sexualidade, rompendo com a perspectiva linear e verticalizada da sexualidade, na qual a reprodução é o ponto maior, e inserindo a noção de sexualidade horizontalizada e ancorada na repetição, sempre diferencial.

Assim, a sexualidade adulta, com a pretensa primazia da zona genital e o seu objeto, não se inscreve a partir da exclusão dos estágios anteriores, segundo o tempo cronológico. Ela os conserva e se mantém em constante relação dialética, conforme apontado por Winograd (2007) e por Armiliatto e Bocca (2020). Revela-se a concepção evolucionista derivativa, na qual a genitalidade não aparece vinculada apenas à reprodução, quando pensada a partir da identificação, no adulto, de modos orais e anais de satisfação, conforme a ideia de *fixação* nos sugere (Barbosa & Santos, 2005), bem como a hipótese de uma sexualidade sem “progresso” ou cume. Embora ancorada em parâmetros biológicos evolucionistas, as teorizações freudianas, conforme interpretadas pelos autores, emergem exatamente no limite em que o biológico toma contornos diferentes na constituição psíquica e cultural, sem perder a sua base evolucionista.

Já a segunda categoria, variantes evolucionistas-filogenéticas-instintuais, refere-se a teorizações feitas por Freud em que considera-se que a filogênese determina a ontogênese, portanto estabelecendo o vínculo entre a pulsão e a filogênese (Barbosa & Santos, 2005) e consequentemente estabelecendo à pulsão uma realidade endógena e hereditária, logo orientada por uma temporalidade pré histórica e presente nas teorizações acerca da origem das neuroses e instituições.

Dito isso, ao postular essa concepção hereditária de pulsão, demarca-se não apenas a tentativa de Freud em instituir a psicanálise como ciência da natureza, mais também de

demonstrar esse conceito como oriundo da biologia, a fim de fundamentar suas hipóteses e marcar seu lugar epistêmico. É propriamente aqui que se encontra o *Freud darwinista*, preocupado em dar uma versão psíquica das hipóteses de Darwin sobre a origem das espécies, sobretudo ao assumir uma realidade endógena e de uma temporalidade pré-histórica. Efeitos disso se mostram na tentativa de Freud em fundamentar a gênese do conceito de pulsão de morte a partir da migração dos peixes e das aves ao seu habitat (Freud, 1920/2010).

Enfim, a variante evolucionista-filogenética-instintual demarca na psicanálise freudiana as relações entre ser humano e cultura, bem como a passagem do natural ao necessariamente humano (Barbosa & Santos, 2005), sem se ater ao equívoco de uma concepção positivista de progresso. Portanto, o estabelecimento de uma psicologia genética com um conjunto de teorias testadas pela seleção natural, tratando-se da gênese da sexualidade humanas e seus representantes no processo de adaptação do indivíduo à realidade.

É a partir desses movimentos epistêmicos que se torna possível haurir a terceira linha de força do conceito de pulsão relacionada à teoria da evolução de Darwin, a *evolucionista-ontogenética-constitutiva*. Essa variante faz alusão a um modo de compreender a gênese da evolução do aparelho psíquico nos moldes mais tradicionais do evolucionismo darwiniano, ou seja, em termos de adaptação e conflito. Neste caso, segundo Barbosa e Santos (2005), em termos de adaptação do organismo-sujeito à realidade (ambiente) juntamente com a relação de conflito com a sexualidade. As pulsões sexuais e do eu são inseridas e situadas em uma equação na qual a adaptação aparece em primazia e como finalidade, desdobrando-se em uma concepção de progresso situada em uma temporalidade linear e cronológica, bem como uma concepção de realidade endógena.

Há, aqui, uma similaridade entre as variantes evolucionistas-derivativas e as evolucionistas-constitutivas, sobretudo ao destacarmos a realidade endógena e a temporalidade linear e cronológica. Contudo, em contraponto à primeira, a última apresenta e permite vislumbrar uma particularidade inusitada e até mesmo paradoxal: a sexualidade é posta em segundo plano em uma reflexão propriamente psicanalítica, dando lugar à primazia da adaptação, não apenas em oposição à sexualidade, mas também ofuscando-a, quando, na verdade, a sexualidade é primordial para a psicanálise.

Desta forma, a psicologia genética de Freud se instaura como uma espécie de condição do organismo à adaptação gradual da realidade, como efeito de deslocamento



de sua imersão na biologia darwiniana que, paradoxalmente, confere um caráter de contradição sobre a sexualidade, sobretudo se tomarmos como exemplo o caráter desadaptado da pulsão sexual e o desenvolvimento psicosssexual dito normal.

Vislumbra-se, então, mais uma vez, a tentativa, por partes dos leitores de Freud, de dar uma versão psíquica e aproximar, de alguma maneira, as formulações de Freud daquelas hipóteses construídas por Charles Darwin. Contudo, torna-se imprescindível sinalizar que o que foi exposto até aqui mostra-se como um dos caminhos propostos para a compreensão do evolucionismo darwiniano em sua relação direta com o conceito de *Trieb*, neste caso entendido como pulsão.

Continuando a investigação sobre o caráter evolucionista darwiniano do conceito de *Trieb*, Simanke (2014) constrói um caminho aparentemente diferente de Barbosa e Santos (2005). Ele opta por utilizar *Instinto* em detrimento do termo *Pulsão* para a tradução de *Trieb*. Segundo Simanke (2014), ser a favor do termo pulsão, e portanto objetar o termo *Instinto* para a tradução de *Trieb*, descaracterizaria o evolucionismo darwiniano presente nos textos de Freud e, sobretudo, na formulação conceitual do *Trieb* tornando-o negligenciado, esquecido ou de fato rejeitado, mesmo quando o próprio Freud filiou-se epistemologicamente a uma base biológica darwiniana. Caminharemos agora ao encontro da relação entre o evolucionismo darwiniano e o *Trieb* traduzido como instinto. No entanto, antes cabe explicar minimamente a respeito do caráter biológico evolucionista do *Trieb*, nessa perspectiva.

Em sua primeira dualidade, a divisão entre o conjunto de funções biológicas que servem à conservação do indivíduo e a conservação da espécie mostra sua imersão na biologia darwiniana. De acordo com Simanke (2014), nessa trama que constitui a primeira dualidade, Freud compreenderia o instinto, como um

[...] *conatus* orgânico, a saber, um esforço, inerente ao ser vivo, para continuar existindo, quer individualmente, quer como espécie. O conflito – inclusive no plano psíquico, isto é, no plano do funcionamento mental impulsionado pelas motivações instintivas – resultaria da impossibilidade de conciliar perfeitamente as metas dessas duas classes de instintos. Às vezes, a sobrevivência do indivíduo só poderia ser alcançada à custa do sacrifício da sobrevivência da espécie (basicamente, da renúncia àquelas atividades relacionadas com a reprodução) ou vice-versa (Simanke, 2014, p. 74).

Neste sentido, a noção de conflito essencialmente darwiniano aparece como ponto de articulação e de partida, bem como ergue as estruturas da construção psicanalítica nos moldes darwiniano. Para Darwin (1859/2018), o conflito inerente à vida, marcado pela

luta pela existência, indica o percurso da evolução das espécies orientado pela seleção natural. Já em Freud, marca o percurso da gênese e evolução do aparelho psíquico orientados pela dinâmica instintual.

Como sabemos, após a primeira dualidade, Freud constrói a segunda dualidade pulsional que opõe pulsão de vida e pulsão de morte. Conforme demonstra Simanke (2014), na segunda dualidade, a principal característica reconstruída por Freud foi a restrição do alcance da meta da conservação. Diz o autor:

[...] a teoria freudiana da sexualidade mostrara que as metas sexuais podiam divergir imensamente daquilo que tivesse a ver com a conservação da espécie, isto é, da função biológica da reprodução. Além disso, para dar outro exemplo, a agressividade era explicada pelo seu pertencimento ao grupo dos instintos de autoconservação, o que só conseguiria dar conta dos aspectos adaptativos da agressividade, mas não de suas formas patologicamente excessivas ou, muito menos, da agressividade autodirigida, a não ser mediante malabarismos teóricos pouco convincentes, tais como a postulação de um destino instintual de transformação no contrário (amor em ódio, tipicamente) ou de volta contra si mesmo (transformação de agressão alodirecionada em autodirecionada) [...] (Simanke, 2014, p. 74).

Continua:

Na nova teoria, por um lado, uma categoria – o eros ou os instintos de vida – passou a agrupar os instintos sexuais e de autoconservação da primeira dualidade, embora haja hesitações significativas de Freud em incluir a autoconservação nessa categoria [...]. A meta geral dessa categoria de instintos foi definida como um impulso em direção a uma maior complexidade e organização pela ligação de formas e estruturas mais simples, sejam elas orgânicas ou mentais. Por outro lado, Freud propôs a categoria dos instintos de morte que agiria na direção inversa, isto é, no sentido de desfazer as ligações estabelecidas, retornar a estados anteriores de menor complexidade estrutural e, no limite, à total ausência das formas de organização próprias dos seres vivos – em uma palavra, em um retorno ao estado inanimado da matéria (daí sua designação como instintos de morte) (Simanke, 2014, p. 74-75).

Assim, de acordo com a interpretação deste autor, a segunda dualidade apresentaria diferenças significativas em relação à primeira. O caráter conservador da pulsão de morte, para ele “instintos de morte”, passou a constituir uma tendência inerente de restaurar um estado anterior inanimado, distinguindo-se do instinto de autoconservação do indivíduo ou da espécie. Cabe aqui ressaltar que tal distinção não afasta a visada biológica darwiniana de Freud, mesmo que marcada por uma mudança na constituição da clínica e do pensamento freudiano. Simanke lembra que

[...] ‘instinto’, na primeira teoria, é um conceito estritamente psicológico ou, mais precisamente, metapsicológico, um operador teórico da articulação entre o psíquico e o somático. Na segunda teoria, Freud não hesitou em definir o instinto como um esforço inerente ao orgânico para atingir determinadas metas (o retorno a um estado anterior e, no limite, ao estado inanimado, por exemplo). O conceito de ‘instinto’ adquire, assim, uma significação abertamente biológica, e sua expressão psicológica aparece como derivada de sua natureza biológica fundamental e como um caso particular de sua manifestação (Simanke, 2014, p. 76).

Com base nessa leitura, que toma partido da tradução de *Trieb* por instinto e não por pulsão, torna-se factível assumir que Freud no fim de sua produção teórica, a saber a segunda dualidade, privilegiaria o estatuto filogenético e a interlocução com a biologia sobretudo darwiniana a partir dos fatores formados ao longo da história evolutiva da espécie em detrimento daqueles ontogenéticos construídos através da história de vida o indivíduo, a fim de enfatizar os elementos que constituem ou determinam os processos mentais normais e patológicos. O seguinte trecho complementa esse ponto:

Sua [de Freud] apropriação evolucionária chancelou um entendimento estrutural específico da natureza humana: a constante inscrição do passado no presente, através de interrupções do desenvolvimento psíquico, de regressões deste, bem como de coexistências de distintos estágios evolutivos. Nesse ponto, podemos dizer que o uso de prerrogativas evolucionárias parece ter indicado a Freud uma natureza humana que tende a repetir, a regredir e a retomar a estados arcaicos de seu desenvolvimento (Armiliato, 2020, p. 116).

Embora o evolucionismo darwiniano nos textos de Freud, sobretudo o conceito de *Trieb*, seja uma hipótese plausível, como mencionado anteriormente, há que se investir em investigações que considerem o tipo de episteme que preside a escolha, sempre interessada, a respeito do uso do termo instinto em detrimento do termo pulsão e vice-versa.

Simanke (2014, p. 78) argumenta que muitas filiações pós-freudianas recusaram a epistemologia de base naturalista, propiciando a “desnaturalização”<sup>13</sup> do *Trieb* freudiano. Um dos sinais dessa objeção foi a recusa da tradução de *Trieb* por Instinto em preferência pelo neologismo “Pulsão”, de origem francesa, e amplamente aceito pela literatura psicanalítica atual, principalmente no Brasil e em português. Segundo o autor, os argumentos que sustentam esse diagnóstico de uma psicanálise desnaturalizada e

---

<sup>13</sup> Tomando como base Simanke (2014), “desnaturalização” seria o esforço de afastar a psicanálise freudiana de uma fundamentação de base biológica, notadamente darwiniana.

desprovida de uma relação com a biologia darwiniana foram: o uso alternado por parte de Freud dos termos alemães *Trieb* e *Instinkt*; a contribuição de Freud para uma sexualidade não reduzida à função reprodutiva e, por fim, o conceito de *Todestrieb* (pulsão de morte) formulado por Freud, descreve Simanke (2014)<sup>14</sup>.

Conforme argumenta Simanke (2014), o termo *Trieb* sempre foi utilizado na literatura biológica antes mesmo da construção da psicanálise afim de significar o que compreendemos como *Instinto*. Ambos os termos sempre foram utilizados de maneira alternada em que o *Trieb* possuía uma extensão significativa maior em contraste com o *Instinkt*, não obstante o incluía. Igualmente, Freud não teria realizado tal distinção de maneira tão incisiva como os pós-freudianos sugerem.

Em continuidade, restringindo essa discussão a dois breves argumentos, em uma passagem Freud diz o seguinte:

Diminuímos o extenso abismo que a arrogância humana de épocas passadas criou entre o ser humano e os animais. Se os chamados instintos [*Instinkte*] dos animais, que desde o início lhes permitem se comportar numa nova situação de vida como se ela fosse velha, há muito familiar — se essa vida instintiva dos animais admite uma explicação, só pode ser a de que trazem consigo as experiências da sua espécie para a nova existência própria, ou seja, que conservaram dentro de si as lembranças do que seus antepassados viveram. No *animal humano isso não seria diferente*, no fundo. Aos instintos dos animais corresponde a herança arcaica humana, ainda que seja de *amplitude e conteúdo diferentes* (Freud, 1938/2018, p. 141, grifos nosso).

Utilizando a linha de raciocínio de Simanke (2014a), nesta passagem Freud refere-se aos aspectos hereditários do comportamento animal, contudo destaca que os aspectos inatos da ação humana, a saber os *Instinkte*, não seriam no fundo diferentes. Portanto, seria possível concluir que do ponto de vista do instinto, não haveria diferença significativa entre seres humanos e animais. Contudo, argumentando em outra perspectiva, também vemos que, nesta passagem, Freud usa não o termo *Trieb*, mas *Instinke* e, portanto, não podemos supor daí que, em relação ao *Trieb*, a compreensão seja a mesma, a saber, que ambas as espécies se igualariam em instintos e pulsões.

Retornando aos argumentos de Simanke (2014), Freud em seus textos demonstrou como a pulsão sexual poderia divergir da meta reprodutiva, instintiva, ao considerar uma sexualidade humana ampliada, descrita por ele como perverso-polimorfa, portanto não

---

<sup>14</sup> Irei expor aqui algumas respostas a essas objeções a fim de introduzir a questão. Não irei me preocupar em construir uma sustentação completa do argumento, visto que os dois artigos publicados por Simanke já fazem isso. Assim sendo, para compreender melhor a respeito dessa discussão, ver Simanke (2014, 2014a).

restrita à meta reprodutiva. Para Freud, reduzir a vida sexual à reprodução seria um erro grave. Essa formulação freudiana, à primeira vista, parece uma desnaturalização da sexualidade humana, neste caso entre a sexualidade humana e a dita finalidade biológica enquanto espécie, o que por sua vez resultaria na necessidade de se pensar uma pulsão (*Trieb*) sexual distinta ou em oposição ao instinto (*Instinkt*) sexual dos animais. Esse raciocínio faria sentido se a independência da função reprodutiva e a meta a serviço de um prazer não direcionado à reprodução fossem apenas uma exclusividade da espécie humana.

Como ressalta Simanke (2014), é possível verificar que a independência da função reprodutiva não é exclusiva do ser humano, bem como o prazer não direcionado à reprodução está longe de não possuir uma caracterização biológica. Simanke argumenta que

Em princípio, portanto, não há impedimento para que a reprodução mamífera e humana ocorresse assexuadamente, de forma neutra quanto ao gênero, ou seja, independentemente da separação dos indivíduos em dois ou mais sexos. Assim, mesmo de um ponto de vista estritamente biológico, a sexualidade não teria na reprodução sua meta principal, e sua relação com a perpetuação das espécies não explicaria integralmente seu surgimento no curso da evolução. Consequentemente, desvincular sexo e reprodução não é, por si só, razão para abandonar uma visão biológica da sexualidade. Se o conceito de ‘instinto’ representa o conjunto dos determinantes biológicos do comportamento – aquilo que cada indivíduo herda da sucessão de gerações que constituiu a evolução de sua linhagem (sua filogênese, termo que Freud não hesita em empregar, aliás, frequentemente) – não haveria razão para deixar de falar de um instinto sexual humano e de atribuir essa significação ao *Trieb* sexual de que fala Freud. É claro que o comportamento sexual humano apresenta algumas características que lhe são próprias, mas, em primeiro lugar, isso pode ser afirmado de qualquer outra espécie. Cada espécie é, em certo sentido, única, e é isso que faz de uma dada população de organismos uma espécie e não parte de alguma outra. Em segundo lugar, essas características distintivas não deixam de ser de natureza biológica ou de estarem relacionada com as características biológicas específicas da espécie humana, a saber, a disseminação da receptividade sexual ao longo de todo o ciclo menstrual da mulher, a ocultação da ovulação, a longa dependência dos cuidados parentais, o retardo da puberdade e do amadurecimento sexual, a intensificação do convívio social etc. (Simanke, 2014, p. 86-87).

Desta maneira, mesmo que uma sexualidade ampliada nos pareça *a priori* desnaturalizada e até mesmo mais plausível, a biologia contemporânea, bem como esta leitura da obra freudiana nos mostram outra possibilidade de entendimento. Mesmo que a sexualidade, não esteja limitada a sua função reprodutiva, portanto originária, há uma

característica importante do ponto de vista biológico. A reprodução sexuada produz o que conhecemos como diversidade genética, assim sendo, produz populações heterogêneas do ponto de vista genético. Desta forma, torna-se um evidente contribuinte para a sobrevivência da prole.

Em outra linha, podemos compreender que a sexualidade humana desenvolveu uma função adaptativa suplementar através do que atualmente conhecemos como *exaptação*. De acordo com Gould e Vrba (1982), quando uma característica moldada pela seleção natural para certa função (uma adaptação) é cooptada para um novo uso ou uma característica originalmente não adaptativa adquire um uso ao longo da evolução da espécie, chamamos de *exaptação*. Um exemplo disso é descrito pelo próprio Darwin (1859/2018) (embora não como *exaptação*), em que as características morfológicas de certas aves, neste caso as penas, que têm função termorreguladora, assumem função sexual na dinâmica da seleção sexual.

Adentrando no terceiro ponto mencionado por Simanke (2014a), o problema estaria no fato de que a psicanálise freudiana não vai de encontro à biologia, especialmente a darwiniana, pois encontraria em sua teoria uma abordagem da agressividade em suas manifestações patológicas, bem como a ideia da existência de uma tendência inerente aos organismos e ao psiquismo que o guiavam a sua própria aniquilação, ideias estas elaboradas a partir de 1920 em sua segunda tópica.

A começar, a formulação do instinto de agressividade em Freud tem um respaldo biológico, também reforçado pelas teorias biológicas da época. O que importa para nós, na verdade, é destacar que formulações freudianas são tributárias da biologia evolutiva. Simanke (2014a) evidencia isso através das discussões da biologia da época; os temas que envolvem a agressividade foram ponto de investigação de diversos nomes da biologia, a saber Lorenz (quase que o criador da noção de instinto contemporânea) e Wilson (da sociobiologia). Segundo o autor, Lorenz concordava com algumas das formulações de Freud sobre a agressividade. Em um trecho, diz Lorenz:

Uma discussão da teoria das pulsões de Freud me revelou uma concordância inesperada de certos resultados da psicanálise com a fisiologia do comportamento, concordância significativa precisamente em razão das diferenças entre as duas disciplinas quanto a seus modos de abordar o problema, seus métodos e, sobretudo, sua base indutiva (Lorenz, 1969, p. 6).

No entanto, Lorenz discordava sobre a necessidade de formular um instinto de morte. Essa recusa se dava por sua vontade de dissipar o caráter negativo presente na compreensão da agressividade, de tal forma que o seu intuito era ressignificar essa concepção corriqueiramente difundida e apresentar a agressividade como uma forma de ação a serviço da sobrevivência, convergindo com a meta geral da conservação, meta esta presente na primeira dualidade freudiana e, portanto, mais próxima das formulações de Lorenz (Simanke, 2014a).

Neste sentido, conforme relatado por Simanke (2014a), Lorenz considerava a agressividade como parte de uma disposição comportamental herdada manifestada como impulso para realização desse tipo de comportamento (agressividade). Assim, tornava-se necessária a descarga devido a uma tensão gerada por esse impulso através da agressão<sup>15</sup>. Segundo o autor (2014a, p. 442):

Nas espécies em que a agressividade excessiva pode produzir efeitos nocivos – em predadores particularmente bem armados, por exemplo, nos quais as mesmas armas empregadas para o abate de suas presas podem produzir efeitos devastadores nos membros da própria espécie –, a seleção natural teria moldado, ao longo da evolução, mecanismos inibitórios para a agressão intraespecífica (o caso dos sinais de submissão empregados pelos lobos é exemplar quanto a esse aspecto). No caso da espécie humana – cujo armamento natural (presas, garras, etc.) é relativamente inofensivo –, essas inibições teriam sido desnecessárias durante boa parte de sua história evolutiva. No entanto, a evolução cultural recente da espécie a teria dotado de um armamento infinitamente mais perigoso, num ritmo rápido demais para permitir o surgimento das inibições biológicas capazes de limitar a agressão.

Sendo assim, postular a natureza destrutiva e não adaptativa da agressividade humana, sobretudo à excessiva, conforme Freud, buscou explicar sua segunda dualidade pulsional através pulsão de destruição ou de morte, de modo que se pode entender que a natureza da agressão humana é essencialmente oriunda das condições culturais e não necessariamente de sua base instintual, não obstante isso não tire a importância das características biológicas presentes nessa discussão.

Desta forma, pensando a agressividade excessiva, podemos compreender ainda mais se considerarmos o que chamamos atualmente de epigenética e expressão gênica.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Cabe lembrar que essa descarga devido a uma tensão também foi descrita por Darwin em seu livro *As expressões das emoções nos homens e nos animais* (1872), sobretudo no seu terceiro princípio.

<sup>16</sup> Ressalta-se que todo efeito de interação nesse processo de expressão gênica é complexo e, principalmente, multifatorial envolvendo uma gama de mecanismos epigenéticos de regulação, sendo raramente descritos de maneira linear e unívoca.

Nesta linha, consideram-se mecanismos inatos, geneticamente determinados, que predis põem o indivíduo à agressividade. No entanto, aqui entra a importância da expressão gênica, assumindo que embora existam mecanismos inatos, não se deve descartar a importância da evolução cultural, principalmente por esses determinantes serem modulados pelo contexto cultural, de forma que a existência de fatores inatos e genéticos constituem apenas uma parcela explicativa do fenótipo comportamental, podendo, então, ser modulada e condicionada pelo ambiente, entendendo que o que chamamos de ambiente é certamente ou principalmente a cultura.

Desta forma, conforme Simanke (2014a) em acordo com Wilson, a agressividade em sua expressão socializada e influenciada por essa trama, seria um ótimo exemplo da interação entre gene e ambiente, de tal forma que se observamos as expressões da agressividade, podemos visualizar uma gama de repertórios, mas, ao mesmo tempo, uma espécie de aparato cultural da agressão (Wilson, 1981).

As formas específicas de violência organizada não são herdadas. Nenhum gene diferencia a prática da tortura com choques elétricos da tortura com pau-de-arara, a caça de cabeças do canibalismo, o duelo entre heróis do genocídio. Há, ao invés disso, uma predisposição inata à produção de um aparato cultural da agressão, de um modo pelo qual a mente consciente é separada dos processos biológicos não elaborados que os genes codificam (Wilson, 1981, p. 114).

Visto isso, a expressão cultural dessa tendência inata à agressividade, por vez, podem assumir formas excessivas e patológicas, que dão a impressão ou podem justificar a existência de uma pulsão destrutiva em ação na espécie humana, decorrentes da discrepância da evolução cultural e evolução biológica em termos de velocidade.

Segundo Simanke (2014a), com a revolução neolítica e a transição em larga escala da cultura e estilo de vida de caçadores-coletores e nômade para um estilo agrícola, juntamente com o surgimento do pastoreio e da agricultura, assim como seus desdobramentos e consequências sociais, econômicas e ambientais, a evolução cultural humana desenvolveu-se rapidamente em formato de grandes saltos, divergindo de uma evolução do ponto de vista biológico, limitada às mutações genéticas aleatórias e à seleção das variações regidas pela seleção natural a serviço da sobrevivência e reprodução. Desta maneira, o cérebro humano do ponto de vista evolutivo continuaria a ser muito semelhante a outras épocas próximas. O efeito disso é que dependeríamos ainda de um cérebro organizado sobre estruturas e mecanismos arcaicos para lidar com as impressões do mundo contemporâneo. Desta forma, diz o autor:



[...] formas de comportamento social violento e padrões de reação às ameaças externas (em todos os níveis da organização social) que eram adaptativos [...] podem ter-se tornado, hoje, *obsoletos e, inclusive, excessivos*. Em condições de sobrevivência precárias e de extrema competição por recursos escassos, a seleção natural favoreceria uma reação violenta a uma ameaça externa (outro grupo competindo pelos mesmos recursos, por exemplo) *que eliminasse a ameaça com uma considerável margem de segurança. Formas destrutivas de agressão que hoje se apresentam como francamente patológicas (genocídio, por exemplo) encontrariam aí suas origens*, sem a necessidade de supor um instinto destrutivo específico, mas mais ou menos com as mesmas consequências (Simanke, 2014a, p. 451, grifo nosso).

Essa alternativa explicativa para a agressividade excessiva pode servir como embasamento teórico para o que foi pensado por Freud e, ao mesmo tempo, pelo viés evolucionista como possibilidade de compreensão a tornar obsoleta a ideia de um instinto de morte. Independentemente disso, podemos afirmar com alguma convicção que a compreensão de Freud não é tão divergente ou absurda quando pensada em consonância com uma perspectiva biológica evolucionista. Em vista disso, permite-nos visualizar o quão apsicânálise pode estar próxima da biologia contemporânea em algumas de suas hipóteses, mesmo naquelas formulações que aparentemente se apresentam como mais afastadas, de tal forma que, mais uma vez, seja para a psicanálise ou para a própria biologia, desvelar tal interface se mostra profícuo.

Em continuidade, com a tendência interna para aniquilação, há de se pensar de que maneira um conceito que, aparentemente não teria uma fundamentação evolucionista darwinista ou neo-darwinista, na verdade, pode tê-la. Ao investigar o texto *Além do princípio do Prazer* (1920), Simanke ressalta que Freud considerou que o ciclo vital deveria ser entendido em sua totalidade como um direcionamento para a morte, mesmo quando as pulsões de vida são evocadas, de tal forma que direcionaria passo a passo para o percurso evolutivo da espécie em rota para o estado animado, neste sentido, conceitualizando o que Simanke chama de instinto de morte (2014a). Nessa rota de investigação caberia, então, entender de que maneira a seleção natural poderia ter favorecido o desenvolvimento de uma programação interna para a morte inerente a cada espécie, sustentando uma fundamentação biológica evolucionista.

Na tentativa de uma seleção dos principais argumentos a favor desse entendimento, para nossa revisão tornou-se imprescindível a seleção dos pontos que, de certa maneira, demonstram as atualizações feitas por Medawar sobre as teses de Weissman a respeito de que os indivíduos são apenas depositários transitórios de um plasma germinativo imortal

que se transmite de geração em geração (Medawar, 1957, Simanke, 2014a). Esta tese é considerada por Freud na sua teorização acerca da pulsão de morte em 1920, dando contornos neodarwinistas, portanto sobre um contexto de reformulação das ideias de Darwin e seus seguidores, renovado pela teoria sintética da evolução, ou seja, na integração entre a teoria evolucionista e a genética, com ênfase na seleção natural como principal mecanismo da evolução.

Neste sentido, o entendimento acerca da pulsão de morte freudiana pode ter uma compreensão a partir do entendimento de uma programação genética interna para a morte, implicando, tal como sugere Freud, uma morte causada essencialmente por causas internas e raramente ou acidentalmente por causas externas. Para isso, consideraremos que a seleção natural enfraqueceria conforme a idade, de tal maneira que ela se torna mais impotente em eliminar características desfavoráveis quando essas características são manifestadas após a inserção dos organismos em uma idade reprodutiva avançada (Simanke, 2014a). Em outras palavras, ela se torna cada vez menos capaz de eliminar uma característica prejudicial, quanto mais esta se manifeste somente depois que os organismos que a possuam já tiverem adentrado bastante na idade reprodutiva. Desta forma, partiríamos para um outro ponto de entendimento em que o momento em que uma determinada característica ou fator hereditário se manifesta também é igualmente determinado geneticamente e pode variar ao longo da evolução das espécies. Esse fenômeno é conhecido na biologia como heterocronia.<sup>17</sup>

A heterocronia envolve, em suma, dois importantes fenômenos: progênese e neotenia, sendo o último de maior importância aqui. Na progênese, há uma aceleração do amadurecimento das células reprodutivas com a manutenção do mesmo ritmo de amadurecimento somático, enquanto na neotenia há a manutenção do mesmo ritmo de amadurecimento das células reprodutivas com a desaceleração do desenvolvimento somático, ou seja, na neotenia, os indivíduos mantêm características juvenis, como a aparência e comportamento, enquanto as células reprodutivas amadurecem normalmente, seguindo o mesmo ritmo de seus ancestrais.

Aqui, o de maior importância para nós é considerarmos a neotenia, portanto, o processo evolutivo em que características de um organismo juvenil são retidas em sua

---

<sup>17</sup> Atualmente, a biologia evolutiva entende a heterocronia como um conceito que se refere à variação na taxa de desenvolvimento ou no tempo de aparecimento de um evento em um organismo, em comparação ao seu ancestral. Em outras palavras, é uma mudança na velocidade de maturação e desenvolvimento de características ao longo do tempo evolutivo.

fase adulta. Esse fenômeno já descrito por nós ao longo desta revisão, no entanto, foi descrito a partir da Lei Haeckel. A similaridade não é o acaso, visto que essas explicações contemporâneas aparecem como uma crítica a Haeckel e a Gould. Cabe lembrar o quão Freud aderiu a essas explicações para formular o funcionamento do aparelho psíquico. Lembrando, há de se pensar até mesmo as possibilidades de uma neotenia do ponto de vista psíquico, isso é claro, se retornarmos para a filogenia anímica discutida por Winograd (2007). Enfim, consideremos a importância da neotenia para a psicanálise freudiana.

Retomando a questão mais importante sobre a heterocronia, ou seja, sobre a modificação do momento de manifestação dos genes, de acordo com a Simanke (2014a):

[...] a seleção natural tenderá, então, a adiantar o momento de expressão das variações favoráveis (precessão) e a atrasar o momento de expressão das variações desfavoráveis (recessão). Mas a recessão só pode ser impulsionada pela seleção natural até o ponto em que esse retardamento torne as variações desfavoráveis ou letais inócuas para a eficiência reprodutiva do organismo, quando então ela perde progressivamente o poder de influir sobre as mesmas (atrasá-las ainda mais ou mesmo eliminá-las completamente) (Simanke, 2014a, p. 456).

Essas considerações aproximam-se de uma equação geral a respeito do tema, sugerindo uma tendência evolutiva para a recessão dos genes deletérios e para a precessão das variações favoráveis. De certa forma, a própria dinâmica evolutiva confere ao processo de envelhecimento uma espécie de programação interna para a inevitabilidade da morte, inerente a cada espécie. Essa programação pode acarretar efeitos psíquicos diversos, especialmente devido à incapacidade da seleção natural em eliminar as variações desfavoráveis quando estas se manifestam tardiamente na vida. Assim, essa programação genética é transmitida à descendência, sendo importante ressaltar que o momento em que ocorre a manifestação também seria programado geneticamente.

Considerando esse período em que uma ampla gama de aflições pode afligir o organismo devido à ação da seleção natural em retardar sua manifestação, sem que isso comprometa sua adaptação, ou seja, sua capacidade de gerar descendentes e perpetuar seus genes no *pool* genético das futuras gerações da espécie, podemos concluir que é justamente nesse ponto, nesses efeitos prejudiciais dos genes que não podem mais ser eliminados, que o organismo é conduzido à morte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas interações conceituais advindas de autores/as que se dedicam a explorar incidências do evolucionismo darwinianos nos conceitos freudianos, podemos afirmar que o conceito de *Trieb* mostrou-se objeto de grande atenção na maior parte dos estudos. Esse conceito, fulcral à psicanálise, apresenta-se como senda valiosa para a interlocução conceitual entre a biologia evolutiva e a psicanálise.

Ao examinar os estudos que exploraram essa conexão na literatura brasileira, observamos deslizamentos semânticos no tocante à utilização terminológica pela via da tradução, já que parte dos escritos verte o conceito de *Trieb* como instinto, enquanto outra parte o traduz como pulsão. Essa diversidade de interpretações, e que resulta de diferentes escolhas não apenas tradutórias, mas sobretudo da política da psicanálise, revela diferentes abordagens e direcionamentos clínicos importantes na compreensão e exploração da relação entre evolucionismo darwiniano e psicanálise.

De modo geral, no contexto da biologia evolutiva em interface com a psicanálise freudiana, o conceito de pulsão de morte talvez seja aquele que apresenta nuances a serem mais exaustivamente exploradas. Assim, não seria infundado supor, a partir das discussões havidas na literatura contemporânea nacional, que exista uma programação genética interna para a mortalidade, que poderia ser explicada pela perspectiva evolucionista darwinista e que guardaria, pelo menos em parte, consonância com a concepção freudiana da pulsão de morte.

## REFERÊNCIAS

- Armiliato, V. (2021). O Passado Bate à Porta: as Marcas do Evolucionismo em "Visão de Conjunto das Neuroses de Transferência". *Sofia*, 9(2), 99-120. <http://dx.doi.org/10.47456/sofia.v9i2.32396>
- Armiliato, V., & Bocca, F. V. (2020). Um além que vem do passado: o evolucionismo e o caráter regressivo e patológico das pulsões. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, 11(2), 175-194. <http://dx.doi.org/10.5902/21793786471108>
- Barbosa, M. N. P., & Santos, M. A. (2005). Considerações sobre a dimensão biológica do conceito de pulsão em Freud. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 162-170. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722005000200003>
- Ceccarelli, P. R. (2007). Freud traído. *Reverso*, 29(54), 43-53. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952007000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952007000100007&lng=pt&nrm=iso)

- Darwin, C. (2018). *A origem das espécies por meio de seleção natural: ou A preservação das raças favorecidas na luta pela vida*. (P. P. Pimenta, Trad.). São Paulo: Ubu. (Original publicado em 1859)
- Darwin, C. (1974). *A origem do homem e a seleção sexual*. São Paulo: Hemus. (Original publicado em 1871)
- Darwin, C. (2009). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1872)
- Ferretti, M. G. (2020). Da ontogênese à filogênese: uma velha diretriz metodológica de Freud em "Além do princípio do prazer". *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, 11(2), 195-211. <http://dx.doi.org/10.5902/2179378647113>
- Ferretti, M. G. (2021). O "lamarckismo" de Freud e a polarização das interpretações. *Revista de Filosofia Aurora*, 33(60), 846-860. <http://dx.doi.org/10.7213/1980-5934.33.060.ds06>
- Ferretti, M. G., & Loffredo, A. M. (2013). A temática darwiniana em Freud: um exame das referências a Darwin na obra freudiana. *Psicologia Clínica*, 25(2), 109-130. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000200007>
- Freud, S. (1895/1996). Projeto para uma Psicologia Científica. In S. Freud, *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889) — Obras completas*, volume 1 (pp. 341-483). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1895/2016). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Estudos sobre a histeria — Obras completas*, volume 2 (pp. 14-427). (L. Barreto, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1912-1913/2012). Totem e Tabu. In S. Freud, *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos [1912-1914] — Obras completas*, volume 11 (pp. 13-155). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1920/2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *História de uma neurose infantil ("o homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos [1917-1920] — Obras completas*, volume 14 (pp. 161-239). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1917/2010a). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In S. Freud, *História de uma neurose infantil ("o homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos [1917-1920] — Obras completas*, volume 14 (pp. 240-251). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1921/2011). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In S. Freud, *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos [1920-1923] — Obras completas*, volume 15 (pp. 13-113). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.

- Freud, S. (1926/2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* [1926-1929] — Obras completas, volume 17 (pp. 13-123). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1938/2018). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos* [1937 – 1939] — Obras completas, volume 19 (pp. 13-188). (P. C. de Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Gould, S. J., & Vrba, E. S. (1982). Exaptation: A missing term in the science of form. *Paleobiology*, 8(1), 4-15. <https://doi.org/10.1017/S0094837300004310>
- Lopes, A. J. (2013). O primata perverso polimorfo. *Estudos de Psicanálise*, (40), 21-30. [http://pepsic.bvsalud.org/SciELO.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372013000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/SciELO.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000200003&lng=pt&nrm=iso)
- Lorenz, K. (1969). *L'agression: une histoire naturelle du mal*. Paris: Flammarion.
- Medawar, P. (1957). An unsolved problem of biology. In: \_\_\_\_\_. *The uniqueness of the individual*. New York: Basic Books.
- Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? *Natureza Humana*, 9(2), 319-359. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302007000200005&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302007000200005&script=sci_abstract)
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & The PRISMA Group. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Medicine*, 6(7). <http://dx.plos.org/10.1371/journal.pmed.1000097>
- Ritvo, L. B. (1965). Darwin as the source of Freud's neo-Lamarckism. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 13(3), 499-517. <https://doi.org/10.1177/000306516501300302>
- Ritvo, L. B. (1972). Carl Claus as Freud's professor of the new Darwinian biology. *The International Journal of Psychoanalysis*, 53(2), 77-83. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/4560415/>
- Ritvo, L. B. (1974). The impact of Darwin on Freud. *The Psychoanalytic Quarterly*, 43(2), 177-192. <https://doi.org/10.1080/21674086.1974.11926667>
- Ritvo, L. B. (1992). *A influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. 5.
- Setubal, J. C. (2016). Desconcertos na ciência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 50(3), 145-152. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0486-641X2016000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0486-641X2016000300011&lng=pt&nrm=iso)

- Simanke, R. T. (2009). A psicanálise Freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*, 7(2), 221-235. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200004>
- Simanke, R. T. (2014). O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, 12(1), 73-95. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-31662014000100004>
- Simanke, R. T. (2014a). O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. *Scientiae Studia*, 12(3), 439-464. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-31662014000300003>
- Souza, M. R. (2003). Teoria evolucionista e psicanálise: ressonâncias? *Pulsional Revista de Psicanálise*, 16(167), 56-65. [https://www.academia.edu/38792493/Teoria\\_Evolucionista\\_e\\_Psican%C3%A1lise\\_resson%C3%A2ncias](https://www.academia.edu/38792493/Teoria_Evolucionista_e_Psican%C3%A1lise_resson%C3%A2ncias)
- Sulloway, F. J. (1992). *Freud, biologist of the mind - beyond the psychoanalytic legend*. London, England: Harvard University Press.
- Viana, M. B. (2010). Freud e Darwin: ansiedade como sinal, uma resposta adaptativa ao perigo. *Natureza Humana*, 12(1), 1-33. 12. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302010000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000100006)
- Wilson, E. (1981). *Da natureza humana*. São Paulo: Quercus, 1981.
- Winograd, M. (2007). Freud e a filogenia anímica. *Revista do Departamento de Psicologia*, 19(1), 69-81. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-80232007000100006>

## CONCLUSÃO

Iniciei este escrito dizendo que minha base de formação é eminentemente evolucionista. Ao final desta dissertação, vejo que, em relação à psicanálise, também tema de meu grande interesse e investimento pessoal e acadêmico, esta base é inicial, portanto estou apenas começando a adentrar no universo freudiano, pelo viés do evolucionismo darwiniano.

Para realizar este estudo, ative-me a produzir duas revisões sistemáticas de literatura nacionais com dois singelos objetivos e que visaram, cada um, elucidar uma questão. Sobre os objetivos, pretendi a) identificar e contextualizar evidências e impacto do evolucionismo darwiniano na obra de Sigmund Freud, na literatura especializada nacional nas últimas duas décadas; e b) investigar, também na literatura nacional, a discussão sobre os conceitos freudianos e sua relação com a teoria da evolução darwiniana.

Para o primeiro objetivo, a pergunta-guia foi: que tipo de relação entre a obra de Charles Darwin e a de Sigmund Freud tem sido evidenciada por pesquisadores/as brasileiros/as no campo da psicanálise nas duas últimas décadas?. Neste artigo, excluí artigos que discutissem conceitos psicanalíticos, reservando tal discussão de cunho teórico, de maior envergadura, para o segundo artigo.

Nesse primeiro objetivo, evidenciei que quando nos atemos a investigar na literatura brasileira a relação entre a psicanálise freudiana e o evolucionismo darwiniano, as pesquisas mostram-se mais engajadas em marcar a presença de Charles Darwin e do modelo darwiniano nos escritos freudianos. Essa característica delineia uma particular rota de investigação, a saber: pesquisar a história da psicanálise freudiana e seu posicionamento epistêmico em contraponto a possíveis interlocuções com a biologia contemporânea.

A partir disso, duas grandes categorias foram formalizadas, a primeira: o evolucionismo darwiniano e modelo evolucionista na formação acadêmica de Freud, destacando o impacto que o naturalista britânico exerceu sobre a trajetória intelectual e íntima de Freud, seja como fonte inspiradora ou como uma imersão profunda na biologia evolutiva, refletidas em uma abordagem sistemática da escrita freudiana, onde se evidencia a influência do evolucionismo de Darwin e seu modo de teorização, com especial ênfase nas questões filogenéticas. Já a segunda categoria tangencia o



evolucionismo darwiniano como um recurso na formalização da obra de Freud. Aqui, vislumbrei as vias pelas quais Freud se valeu da narrativa da história evolutiva, ou história filogenética, para embasar suas elaborações teóricas e desvendar a gênese dos sintomas e estados psicológicos, sistematizando assim, o *recurso teórico (ratificação/justificação)*, *recurso heurístico e simbólico*, todos convergentes.

Em relação ao segundo objetivo, eixo do segundo artigo, a pergunta foi: que tipo de relação a literatura brasileira no campo da psicanálise estabelece entre conceitos freudianos e a teoria da evolução darwiniana? Neste artigo, me propus a discutir, sistematizar e evidenciar a incidência do evolucionismo de Darwin sobre os principais conceitos da psicanálise freudiana, conforme sua metapsicologia.

Neste artigo, percebi que o conceito de *Trieb*, foco principal das investigações, emerge como uma trilha significativa para conectar a biologia evolutiva e a psicanálise em um diálogo conceitual. Notei deslocamentos semânticos na utilização terminológica, especialmente durante o processo de tradução, onde parte dos textos interpreta o conceito de *Trieb* como instinto, enquanto outra parte o traduz como pulsão. Essa variedade de interpretações, influenciada não apenas pelas escolhas de tradução, mas também pela política da psicanálise, revela diversas abordagens e orientações clínicas relevantes para compreender e explorar a relação entre o evolucionismo darwiniano e a psicanálise. Essa análise incide especialmente sobre como o evolucionismo fundamenta teoricamente o conceito de *Trieb*, delineando caminhos importantes para a prática clínica e para o desenvolvimento teórico.

Neste segundo artigo, também notei que o conceito de *Todestrieb*, pulsão de morte, oferece nuances que merecem ser exaustivamente exploradas. Dentro deste escopo investigativo, as discussões presentes na literatura contemporânea nacional sugerem a ideia de uma predisposição genética interna para a mortalidade. Esta possibilidade poderia ser explicada pela ótica evolucionista darwiniana e, em parte, poderia estar alinhada com a visão freudiana de *Todestrieb*.

Enfim, nesse momento final, me atrevo a realizar algumas considerações pessoais sobre o tema a partir de toda a investigação. A meu ver, creio que consegui haurir as incidências do evolucionismo darwiniano na obra de Freud, ao menos no que se refere às pesquisas realizadas no Brasil no campo da psicanálise sobre o tema. Ao longo de toda a investigação dessa temática, confesso que o assunto não se mostrou tão explorado quanto eu imaginei ou desejei, não obstante algumas rotas de investigação de grande relevância tenham-se mostrado profícuas.

Aquelas investigações que se dedicaram a situar historicamente a relação entre os dois autores batem nas mesmas teclas, afinal quem se dedica minimamente a estudar a história da psicanálise, em algum momento irá encontrar o nome de Darwin. Contudo, verdade seja dita, a relação entre os dois autores nos textos não é tão estreita quanto aparenta. Ao encontrar, por exemplo, como o modo de teorização de Darwin, sobretudo nas suas estratégias de argumentação, incide sobre a obra de Freud, aqui entendo uma particular forma de conceber os fenômenos. Já em outro aspecto, compreender como os conceitos metapsicológicos propostos por Freud podem ser entendidos à luz da teoria da evolução se mostra de grande valia. Assim sendo, essas duas rotas de investigação, a meu ver, são as mais valiosas.

Embora tenha buscado expor aqui algumas possíveis interlocuções da teoria da evolução com conceitos freudianos, percebo que esta investigação é ainda inicial, quando comparada a outras rotas de investigação anteriormente mencionadas. Grande parte do que já foi escrito restringe-se a conceitos outrora considerados na biologia, quando alguns conceitos, como o de seleção natural, podem hoje ser mais bem explorados. Quase em nenhum momento a seleção natural, ao menos de maneira evidente, mostrou-se como conceito fundamental para embasar a gênese de algum conceito metapsicológico de Freud. Tal aspecto me fez indagar por que a seleção natural praticamente não aparece nos estudos como fundamental para a metapsicologia freudiana e se de fato é possível compreender a gênese desses conceitos por meio desse processo. Dois exemplos seriam como e por quê a seleção natural poderia ter favorecido o surgimento do conceito de inconsciente, de mecanismos de defesa como o recalque, o conceito fulcral de *Trieb*, dentre outros. Outra questão é: se substituíssemos conceitos biológicos que Freud extraiu e utilizou da formulação darwiniana, e que atualmente são considerados superados na literatura científica, de que forma ou o quê encontraríamos na teorização psicanalítica? Essa atualização produziria impacto na teorização psicanalítica?

São perguntas e reflexões como estas que me instigam a continuar perseguindo essa confluência, principalmente porque não me parece infundado supor que respostas para essas perguntas podem ser encontradas ao longo da obra de Freud.

Em olhar retrospectivo, considero esta investigação exitosa, na medida em que me permitiu formular questões para além daquelas que me inquietavam no início desta jornada. No meu percurso singular, já exposto no início do texto, considero um êxito o fato de ter finalizado a dissertação e já iniciado uma revisão de literatura de caráter mais amplo, internacional, de modo a cotejar a produção nacional com investigações em outros

países, inquirindo se e como se dá a tendência para atualizar conceitos metapsicológicos à medida que a pesquisa em biologia evolutiva avança. Interessa-me ainda investigar a formalização dos principais conceitos freudianos, justificado principalmente pelo fato de que o próprio Freud se valeu de teses evolucionistas que flertam com conceitos evolucionistas não evidentes nas investigações aqui examinadas.

Enfim, em última consideração, tomo uma distinção feita por Freud em “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?”, texto de 1919. No final, ao ler e reler meu trabalho, me dei conta de que há grande diferença entre examinar escritos *sobre* psicanálise e escritos *em* psicanálise. Sobre o primeiro, trata-se de escritos cujos autores e autoras são provenientes de diferentes formações, especialmente medicina ou filosofia, e que abordam a psicanálise mediados por tal trajetória formativa. O segundo abarca estudos conduzidos por psicanalistas, ou seja, praticantes da psicanálise que dialogam com o campo da biologia evolutiva, a partir da clínica.

Parece de grande valia ressaltar tal distinção, na medida em que delinea abordagens diferentes e propósitos também diversos para o campo da psicanálise, bem como pode ampliar a interlocução com a biologia e as neurociências.